

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE MATEMÁTICA

LUCAS BALTHAZAR LEITE

**SEMINÁRIOS INTEGRADOS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE SUA
IMPLEMENTAÇÃO**

Porto Alegre
2014

LUCAS BALTHAZAR LEITE

**SEMINÁRIOS INTEGRADOS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE SUA
IMPLEMENTAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinícius de Azevedo Basso

Porto Alegre
2014

LUCAS BALTHAZAR LEITE

**SEMINÁRIOS INTEGRADOS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE SUA
IMPLEMENTAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinícius de Azevedo Basso

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Andréia Dalcin
Faculdade de Educação – UFRGS

Prof^a. Dr^a. Márcia Rodrigues Notare Meneghetti
Instituto de Matemática – UFRGS

Porto Alegre, 7 de julho de 2014

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a pessoa que sempre esteve ao meu lado. Uma pessoa maravilhosa que foi, em muitos momentos, meu porto seguro quando a maré me jogava de encontro às pedras. Dedico à pessoa mais importante de minha vida e que sem a qual não teria chegado à metade das conquistas que tenho hoje. Dedico a você, mãe. Que estejas sempre comigo, pois estarei, sem dúvidas, sempre contigo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço as pessoas que me apoiaram direta ou indiretamente, não apenas na realização deste trabalho, mas em toda caminhada percorrida ao longo de minha graduação.

À minha família, minha irmã Júlia e minha mãe Rosani, por me apoiarem e me ajudarem sempre. Não existem brigas, discussões ou desentendimentos que diminuam o imenso amor, carinho e suporte que me deram ao longo de tantos anos. As correções deste trabalho, os puxões de orelha pelos prazos, sem dúvida, este trabalho não teria o fim que teve sem o apoio incondicional de vocês.

Ao meu Professor e Orientador Marcus, sem o qual estaria perdido ao desenvolver este trabalho de conclusão. Quer seja buscando referencial ou me dando ideias para a escrita, lhe agradeço pela paciência e dedicação ao longo de tantas horas de reuniões.

Ao meu grande amigo Renan, que me ajudou em tantos aspectos que faltariam linhas para escrever nessa seção. Um amigo de todas as horas, comprometido, justo e fiel. Que nossa amizade perdure por muitos anos, pois amigos verdadeiros como você valem a pena ter por toda uma vida.

Aos meus queridos amigos: Paola, Cândida e Fábio, cuja ajuda para esse trabalho foi imprescindível. Desde correções e apoios na escrita à matérias fornecidos. Tudo feito com muita maestria.

À todos os meus amigos que me ajudaram e apoiaram nessa etapa tão importante de minha vida. Agradeço a todos pela compreensão em momentos difíceis e aos sorrisos em momentos de felicidade. “Que sejam poucos, mas que sejam verdadeiros”.

Agradeço também a todos os professores e coordenadores que tão atenciosamente me concederam tempo para entrevistá-los. São nessas horas que vejo o quão grande é nossa comunidade de professores, e que, sem dúvidas, optei certo ao escolher essa tão gratificante carreira.

À Prof.^a Dr.^a Andréia Dalcin e à Prof.^a Dr.^a Márcia Rodrigues Notare Meneghetti por aceitarem o convite para avaliarem esse trabalho.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo fazer uma análise sobre a implementação da Proposta de Reestruturação do Ensino Médio Politécnico, elaborado pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (SEDUC/RS), em duas escolas da rede estadual de Porto Alegre no Rio Grande do Sul. Tal análise foi realizada através de um estudo de caso, no qual verifiquei, mais precisamente, se a disciplina *Seminários Integrados*, inserida no currículo escolar de acordo com a Proposta, está sendo desenvolvida e cumprindo seus objetivos como preconiza o documento da SEDUC/RS. O estudo de caso, embasado por Ponte (2006) e Yin (2001), foi feito por entrevistas com membros docentes das escolas, professores e coordenadores, no qual analisei se tópicos descritos na Proposta, como referencial teórico, foram entendidos pelos entrevistados e se a implementação dos *Seminários Integrados* foi feita à luz do que versa a Proposta. Foram tomados como referenciais, para entender os conceitos descritos na Proposta, Pistrak (1981) sobre o *Trabalho como Princípio Educativo*, Fazenda (1991) para *Interdisciplinaridade* e Moura e Barbosa (2006) sobre o trabalho com *Projetos*. Através da análise dos dados coletados, concluí que os *Seminários Integrados*, não foram implementados, nas escolas alvo, da maneira como preconiza o documento elaborado pela SEDUC/RS.

Palavras-chave: Ensino Médio Politécnico; Estudo de Caso; Seminários Integrados.

ABSTRACT

This paper aims to make an analysis on the implementation of the Proposal of Restructuring of Polytechnic Education, prepared by the Education Department of the State of Rio Grande do Sul (SEDUC / RS) in two schools in the state system in Porto Alegre in Rio Grande do Sul. Such analysis was performed through a case study, which checked more precisely, the *Integrated Seminars* discipline, entered in the school curriculum in accordance with the Proposal was being developed and fulfill its objectives as stated the document SEDUC / RS. The case study, based on Ponte (2006) and Yin (2001), was done by interviews with members of schools, teachers and coordinators, which I analyzed topics described in the Proposal, as the theoretical framework, were understood by respondents and if the implementation of the Integrated Seminars was taken such as the Proposal describes. Were taken as reference, to understand the concepts described in the Proposal, Pistrak (1981) on the *Working as Education Principle*, Fazenda (1991) for *Interdisciplinary* and Moura and Barbosa (2006) on working with *Projects*. Through the analysis of the collected data, I concluded that the *Integrated Seminars*, have not been implemented in target schools, the way it recommends the document prepared by SEDUC / RS.

Keywords: Polytechnic Education; Case Study; Integrated Seminars.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição da Grade Horária nas Escolas.....	17
Tabela 2 - Tipologia de Projetos.....	27

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Defasagem do Ensino Médio.....	14
---	----

SUMÁRIO

	Pág.
1. INTRODUÇÃO	12
2. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	14
2.1. A SITUAÇÃO DO ENSINO MÉDIO NO ESTADO.....	14
3. A PROPOSTA DE REESTRUTURAÇÃO DO ENSINO MÉDIO	17
3.1. SEMINÁRIOS INTEGRADOS.....	17
3.2. O TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO.....	19
3.2.1. Visão geral	20
3.2.2. O jovem e o trabalho	21
3.2.3. O trabalho como princípio educativo no processo da reestruturação	22
3.3. INTERDISCIPLINARIDADE.....	23
3.3.1. Integração e interdisciplinaridade	24
3.3.2. Parceria	24
3.3.3. Uma sala de aula interdisciplinar	25
3.4. PROJETOS.....	25
3.4.1. Projetos educacionais	26
3.4.2. Tipologia de projetos	27
3.4.2.1. Projetos de ensino.....	28
3.4.2.2. Projetos de aprendizagem.....	29
4. METODOLOGIA	31
4.1. CARACTERIZAÇÃO: ESTUDO DE CASO.....	31
4.2. CONTEXTUALIZAÇÃO.....	33
4.3. COLETA DE DADOS.....	33
4.4. ENTREVISTAS.....	34
4.4.1. Roteiro de perguntas dos professores	35
4.4.2. Roteiro de perguntas à coordenação pedagógica	36
5. ANÁLISE DOS DADOS	37
5.1. ENTENDIMENTO DE TÓPICOS DA PROPOSTA.....	37
5.1.1. Trabalho com princípio educativo	37
5.1.2. Interdisciplinaridade	39
5.1.3. Projetos	40
5.2. A IMPLEMENTAÇÃO DO SEMINÁRIO INTEGRADO.....	42

5.2.1. Escola Irmão Pedro.....	43
5.2.2. Escola Dolores.....	45
5.3. RESULTADO DA ANÁLISE.....	49
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53
APÊNDICE.....	55

1. INTRODUÇÃO

Não é de hoje que ouvimos falar sobre a crise da educação no Ensino Médio no Estado do Rio Grande do Sul. Estatísticas de provas de âmbito nacional, altos índices de reprovação e abandono, depredação das unidades físicas da escola pública, enfim, vários são os motivos os quais podemos inferir ao ter uma simples conversa com qualquer membro de uma unidade escolar. Com o intuito de mudar esse quadro o Governo do Estado do Rio Grande do Sul, junto com a Secretaria de Educação do Estado (SEDUC/RS), criou em 2011 uma Proposta de reestruturação do Ensino Médio em Ensino Médio Politécnico. Tal Proposta prevê, entre outras coisas, uma formação mais social e produtiva ao aluno como cidadão.

Uma consistente identidade ao Ensino Médio se dará não somente por reverter o alto índice de evasão e reprovação com qualidade social, mas acima de tudo por apresentar um ensino médio que oportunize e se empenhe na construção de projetos de vida pessoais e coletivos que garantam a inserção social e produtiva com cidadania. (SEDUC/RS, 2011, p. 4)

Nesse trabalho será realizada uma análise sobre a implementação da Proposta do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, feita pela SEDUC/RS em 2011, de Ensino Médio Politécnico, em duas escolas estaduais do município de Porto Alegre. Dentro dessa proposta, irei comparar o que se previa com tal implementação e o que está ocorrendo nas escolas. Mais precisamente voltarei meus olhos a um tópico que julgo ser central na Proposta, os Seminários Integrados ou Seminários Integradores que explicarei a seguir.

No transcorrer de minha vida acadêmica, tive a oportunidade de transitar por diversos ambientes educacionais e observar diferentes métodos de ensino-aprendizagem. Dentre minhas atividades como universitário, participei do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) nos anos de 2012 a 2014. Neste Programa tive a oportunidade de trabalhar como bolsista na Escola Técnica Estadual Irmão Pedro, situada em Porto Alegre. Nesta escola, além das atividades de praxe, fiquei encarregado da disciplina de Projetos III juntamente com o professor regente da disciplina, nas turmas de 2º ano, disciplina essa moldada a partir da Proposta de Seminários Integradores, citados pelo documento da reformulação do Ensino Médio feito pela SEDUC/RS. Ainda em processo de implementação naquele ano (2013), e cabendo a nós (bolsistas do PIBID) formular o planejamento,

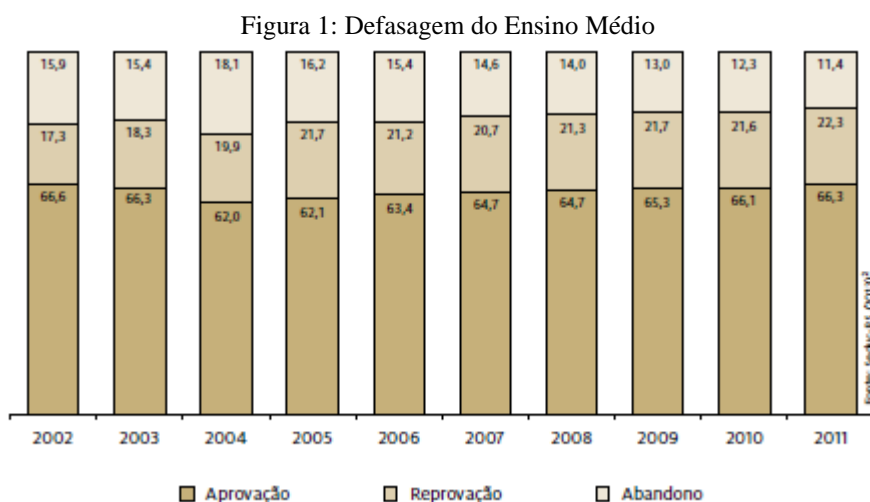
metodologia e aplicação, começamos a estudar e montar a disciplina. Nesse processo encontrei muitas barreiras e dúvidas sobre o que diz respeito à Proposta da SEDUC/RS, e apesar de ter concluído o planejamento da disciplina, fiquei muito curioso sobre como outras escolas lidaram com tais questões na formulação e estruturação para suprir o que se entende pelos Seminários Integrados. Considerando que os Seminários Integrados constituem um dos principais tópicos da Proposta para a reestruturação do Ensino Médio do RS, surge a questão norteadora deste trabalho: Como os Seminários Integrados estão sendo desenvolvidos e cumprindo os objetivos apresentados na Proposta para a reestruturação do Ensino Médio Politécnico do RS?

No segundo capítulo deste trabalho, trarei um breve comentário sobre a situação atual do Ensino Médio no estado do Rio Grande do Sul. Digo breve, pois além de não ser o foco desta pesquisa, esse assunto não se extinguiria nem se encerraria mesmo apresentadas dezenas de artigos de grandes autores, por isso irei ater-me em referenciar a visão e os dados expostos pela SEDUC/RS através da Proposta. No capítulo seguinte tratarei da Proposta em si, como havia dito anteriormente, mais especificamente no que diz respeito aos Seminários Integrados, trazendo um pouco de embasamento para as teorias citadas e defendidas no documento da SEDUC/RS. No capítulo quatro está a metodologia a qual me fiz valer para obter os dados necessários para responder minha questão de investigação, onde a pesquisa foi realizada, em qual contexto, com que público, enfim, a pesquisa em si. Em seguida serão apresentados os resultados da pesquisa, onde por fim pretendo, através da análise de todo o material coletado, responder minha questão norteadora e esclarecer as dúvidas e anseios que me levaram a essa pesquisa.

2. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

2.1. A SITUAÇÃO DO ENSINO MÉDIO NO ESTADO

O Ensino Médio no Estado do Rio Grande do Sul vem, seguidamente, sofrendo críticas contundentes e bem argumentadas de diversos setores sobre seu andamento. Tais críticas se mostram bem fundadas se observarmos os alarmantes índices de reprovação que a Secretaria de Educação divulga. De acordo com o documento da Proposta (SEDUC/RS, 2011, p.5), uma pesquisa realizada em 2010 (INEP/MEC – Educacenso – Censo Escolar da Educação Básica 2010) mostra que a escolaridade líquida (idade esperada para o ensino médio 15-17 anos) é de apenas 53,1%. A defasagem idade-série no Ensino Médio é de 30,5%. Ainda, na faixa etária de 15-17 anos, aproximadamente 100.000 jovens ainda frequentam o Ensino Fundamental. Ao lado desses índices, 14,7% dos jovens entre 15-17 estão fora da escola e o índice de abandono escolar chega a 13%, em especial no primeiro ano, ao lado de uma taxa de reprovação de 21,7% ao decorrer no Ensino Médio. Observe a Figura:



Muitas são as discussões sobre esses índices. Citando Azevedo (2013):

O Ensino Médio apresenta um quadro crítico caracterizado por resultados negativos e incapacidade para a garantia do direito à aprendizagem. Esse nível de ensino não tem conseguido se efetivar como um espaço de democratização do conhecimento, de fomento à formação cidadã e de preparo para o mundo do trabalho e/ou para a continuação dos estudos. (AZEVEDO, 2013, p. 27).

O aluno que ingressa na Escola Básica não é mais o mesmo de uma década atrás, então é quase que retórico afirmar que as políticas públicas para o Ensino têm de se adaptar a esse aluno. O jovem que entra na escola vem com uma bagagem muito versátil. Isso, entretanto, acarreta tanto pontos positivos quanto negativos, pois se por um lado temos uma interatividade quase que instantânea para com o mundo da tecnologia e informação, tem-se por outro, uma resistência quanto a aulas mais tradicionais que não envolvam ou lidem de maneira tão rápida e articulada com as informações dispostas aos alunos. Tal situação é perceptível dentro da escola, que não reflete as diversas dimensões que constroem a vida social do aluno, acabando por dissociá-la do mundo onde determinados saberes ganham significado.

[...] a incompatibilidade das práticas pedagógicas vigentes com a realidade do aluno que tem fácil acesso à informação no mundo contemporâneo, por diferentes tecnologias e, salvo raras exceções, não é orientado a transformá-las em conhecimento. A sala de aula não consegue concorrer com essa “realidade virtual” que alcança os sujeitos com informações de forma atrativa e rápida, criando uma falsa ideia de saber. (ARAGONEZ, 2013, p. 169)

Tendo isso em mente, faz sentido pensar nos índices supracitados, pois é dedutível que tais jovens, com tamanho acesso à informação, sejam relutantes a estarem numa escola calcada pela “pedagogia bancária¹” onde o conhecimento é apenas repassado, como uma mercadoria, dificultando assim, a interdisciplinaridade e a relação com a realidade individual do aluno.

O modelo curricular e didático que é base dessa escola de Ensino Médio, por se pautar fundamentalmente na fragmentação, na repetição de conteúdos, de conceitos e saberes, negligencia a própria forma humana de produção do conhecimento, ignora as características do desenvolvimento humano e as concepções interacionistas de aprendizagem. Esse modelo escolar não possibilita que o educando desenvolva naturalmente suas relações e intervenções no mundo do trabalho e suas conexões com a natureza física e social. É um padrão escolar que tende a robotizar as mentes, reduzindo-as a formas homogêneas, à conformação com os supostos “destinos”, ao ajustamento dos pensamentos na lógica da obediência, da não proposição, da não formação de pensamento próprio, de opinião crítica acerca das ações e reflexões da humanidade na diversidade que lhe é intrínseca e característica. (AZEVEDO, 2013, p. 29)

Diante de tais fatores, o Governo do Estado do Rio Grande do Sul elaborou um documento objetivasse de modificar esse patamar, com uma proposta centralizada na

¹ Para saber mais leia **Pedagogia do Oprimido**, 1988, de Paulo Freire.

formação cidadã do sujeito. Tal Proposta, que será melhor desenvolvida no capítulo subsequente, foi pensada para acompanhar e dar suporte, o aluno que encontramos hoje em nossas salas de aula – um aluno com uma bagagem sócio histórica que tem planos de vida, mesmo que pequenos, já elaborados.

3. A PROPOSTA DE REESTRUTURAÇÃO DO ENSINO MÉDIO

No ano de 2011 com o viés de modificar a situação atual do Ensino Médio citada no capítulo anterior, a Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (SEDUC/RS) criou uma proposta de reestruturação do Ensino Médio em Ensino Médio Politécnico. Tal Proposta, que é o elo central deste trabalho, teve sua implementação iniciada em 2011 e prossegue em 2014, sendo esta constantemente complementada por documentos de cunho científico-didáticos, disponíveis a todos diretamente pela página virtual da SEDUC/RS².

Como foi dito anteriormente, o objetivo principal desta pesquisa não é avaliar a Proposta em si, mas sim se um de seus principais tópicos, o Seminário Integrado, está sendo implementado, nas escolas alvo desta pesquisa, da maneira preconizada no documento. Dito isso, reservo este capítulo para rapidamente elencar características do documento desta reestruturação e subsequentemente, e apoiado por teóricos, falarei sobre os tópicos que julgo pertinentes para poder, de fato, verificar a implementação do Seminário Integrado à luz da Proposta.

3.1. SEMINÁRIOS INTEGRADOS

A Proposta versa, entre outras coisas, uma reestruturação na grade horária da escola, dividindo-a em Formação Geral (núcleo comum) e Parte Diversificada (humana – tecnológica – politécnica) como mostra a tabela:

Tabela 1: Distribuição da Grade Horária nas Escolas

	1° ano	2° ano	3° ano	TOTAL
Formação Geral	750h	500h	250h	1.500h
Parte Diversificada	250h	500h	750h	1.500h
TOTAL	1.000h	1.000h	1.000h	3.000h

Fonte: SEDUC/RS, 2011, p. 23

A Formação Geral define-se pelo trabalho desenvolvido pelas áreas de conhecimento, componentes curriculares, visando sempre a interdisciplinaridade e a integração com o mundo do trabalho. Ainda, definiu-se uma nova estrutura para reorganizar os componentes curriculares dentro de *áreas de conhecimento*, elencadas a seguir.

² Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/ens_medio.jsp?ACAO=acao1>

Na perspectiva de garantir a interdisciplinaridade, a distribuição da carga horária da formação geral (base comum nacional), na proporção que lhe cabe em cada ano do curso, contemplará equitativamente, os componentes curriculares das áreas do conhecimento. (SEDUC/RS, 2011, p. 24).

Áreas de Conhecimento:

- 1-Linguagens e suas Tecnologias;
- 2-Matemática e suas Tecnologias;
- 3-Ciências Humanas e suas Tecnologias;
- 4-Ciências da Natureza e suas Tecnologias.

A Parte Diversificada visa a articulação das áreas de conhecimento a partir de suas experiências e vivências com o mundo do trabalho, deixando sempre uma oportunidade para uma formação profissional das diversas áreas e setores da economia.

A articulação entre essas duas partes se dará através de projetos que serão desenvolvidos nos Seminários Integrados. Eles (seminários) constituirão um ambiente onde poderá e deverá ser feita a ligação entre o conhecimento científico e a prática, tendo sua aplicação voltada ao mundo do trabalho.

Os Seminários Integrados constituem-se em espaços planejados, integrados por professores e alunos, a serem realizados desde o primeiro ano e em complexidade crescente. Organizam o planejamento, a execução e a avaliação de todo o projeto político-pedagógico, de forma coletiva, incentivando a cooperação, a solidariedade e o protagonismo do jovem adulto. (SEDUC/RS, 2011, p. 23).

Os Seminários Integrados ocuparão carga horária da Parte Diversificada, e são de responsabilidade da escola como um todo, pois apenas com a articulação de professores e coordenação pode-se ter interdisciplinaridade³. O desenvolvimento dos projetos feitos dentro dos seminários deve ser trabalhado por todos os professores. Um professor será encarregado por tal andamento, entretanto, é previsto que haja rotatividade entre todos os professores, para que assim ocorra uma diversificação sobre a visão do trabalho com projetos. É importante salientar que a Proposta prevê que haja um tempo reservado na grade horária do professor (um por área de conhecimento) para o acompanhamento do andamento dos projetos desenvolvidos pelos alunos.

³ Por ser um tema central deste trabalho, reservei uma seção para detalhar com maior precisão a interdisciplinaridade, que será visto no capítulo 3.3.

Os projetos citados na Proposta caracterizam-se de forma abrangente. Eles devem ser feitos através de pesquisa, centrados numa ou mais questões problematizadoras. O documento não traz muitos elementos teóricos ou orientações sobre o trabalho com projetos em si, nem ao menos nos documentos complementares diretamente, deixando a cargo das escolas, o roteiro ou planejamento a se seguir. Entretanto, é dito que para o andamento dos projetos, devem ocorrer visitas, estágios, palestras em ambientes fora do espaço escolar, podendo inclusive ser no contra turno do aluno, para que haja um melhor aproveitamento do trabalho desenvolvido na escola. Ainda, definem-se eixos transversais que deverão guiar o andamento dos projetos desenvolvidos pelos alunos, são eles:

- 1- Acompanhamento Pedagógico;
- 2- Meio Ambiente;
- 3- Esporte e Lazer;
- 4- Direitos Humanos;
- 5- Cultura e Artes;
- 6- Cultura Digital;
- 7- Prevenção e Promoção da Saúde;
- 8- Comunicação e Uso de Mídias;
- 9- Investigação no Campo das Ciências da Natureza;
- 10- Educação Econômica e Áreas da Produção.

Algumas palavras ditas nos parágrafos acima, tais como: Trabalho; Interdisciplinaridade e Projetos foram frequentemente usadas, pois se constituem em temas centrais de estudo da Proposta. Assim sendo, abordarei estes temas com maior profundidade, pois acredito que sua análise mais detalhada me dará embasamento para responder a questão central deste trabalho. Serão eles: O trabalho como Princípio Educativo, Interdisciplinaridade e Projetos.

3.2. O TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO

O Trabalho já foi alvo de estudo como princípio educativo no passado, em particular na Revolução Comunista de 1917, na extinta União Soviética. Neste trabalho estabelecerei uma relação com os preceitos estabelecidos por Pistrak⁴ (1981), que elaborou, naquela época,

⁴ Moisey Pistrak foi um educador presente na revolução russa, que estabeleceu conceitos de uma educação voltada para o mundo do trabalho muito usada para a reorganização da Escola Comunista. Seu livro "Fundamentos da Escola do Trabalho", escrito em 1925, editado e acrescido em 1981, foi amplamente usado por mim para entender essa metodologia, que se faz presente na análise da Proposta da SEDUC/RS.

uma base educacional voltada para o mundo do trabalho. Apesar da distância temporal dos fatos daquela com esta época, e também da grande diferença do nosso jovem com o de outrora, acredito que os conceitos usados para construir a Escola Comunista no passado se assemelham, em muitos aspectos, com o que se está tentando fazer hoje em nossa rede de ensino.

3.2.1. Visão Geral

É impossível tentar entender o trabalho como princípio educativo sem abrir mão de preceitos que atualmente regem nosso sistema escolar. Temos (antes da implementação da Proposta) um sistema fortemente conteudista, onde os componentes curriculares estão dissociados e amarrados a conteúdos pré-determinados por vários fatores – vestibulares, livros didáticos, conceitos particulares das escolas – fazendo assim com que a interdisciplinaridade ocorra apenas com o empenho e dedicação pessoal do corpo docente, ou seja, não há um espaço no qual pode-se trabalhar a interdisciplinaridade dos componentes, ou pensar-se outro tipo de currículo.

Para Pistrak (1981, p. 46) a Escola do Trabalho, que usa o princípio do trabalho como método educativo, molda seu currículo a partir das necessidades do mundo laboral, mundo esse definido por nossa realidade, que é constantemente mutável, incerta, e que estava diretamente ligada com o jovem das escolas. Para Tragtenberg (1981, p. 11) “A Escola do Trabalho fundamenta-se no estudo das relações do homem com a realidade atual e na auto-organização dos alunos”.

É errado pensar em trabalho, nesse contexto, como trabalho manual, emprego, ou alguma oficina específica, ou ainda, que a escola do trabalho forma operários, massa de manobra. O trabalho, em seu aspecto principal, é a preocupação com a realidade atual (Pistrak, 1981, p. 46). Para Pistrak, estudar a realidade histórica, o atual, significa situar o espaço do adolescente na luta que se trava no mundo. Nesse sentido, a finalidade do conteúdo do ensino consiste em armar o educando para a luta e a criação de uma nova sociedade. O trabalho na escola, enquanto base da educação, deve estar ligado ao trabalho social, à produção real, a uma atividade socialmente útil (TRAGTENBERG, 1981, p. 10).

Não se trata de estudar qualquer tipo de trabalho humano, qualquer tipo de dispêndio de energias musculares e nervosas, mas de estudar apenas o trabalho socialmente útil, que determina as relações sociais dos seres humanos. Em outras palavras, trata-se aqui do valor social do trabalho, [...] isto é, da base sobre a qual se edificam a vida e o desenvolvimento da sociedade. (PISTRAK, 1981, p 47)

Ter o trabalho como princípio educativo é, em outras palavras, estudar a realidade a qual o aluno está inserido e a partir do que percebemos útil a eles, como membro ativo e produtor dessa sociedade, elaborar um conjunto de ações para capacitá-lo a inserir-se nela. Tais ações vão desde a lida com oficinas manuais à exposições teóricas-científicas sobre conteúdos necessários para determinado trabalho.

3.2.2. O Jovem e o Trabalho

Aqui abrirei um parêntese para falar, novamente, sobre o jovem que encontramos em nossas escolas e como essa ideia de trabalho aplica-se a ele. O aluno de nosso Ensino Médio encontra-se, cada vez mais, numa situação onde é socialmente exigido. Uma grande parcela de nossos jovens, que estão no Ensino Médio, trabalha ou procura emprego, principalmente nas classes menos favorecidas. Isso acarreta uma grande necessidade pelo entendimento do que é uma profissão, do que é o “trabalho” e como isso implica na vida de cada indivíduo. Nas classes mais favorecidas isso é mais visível quando se aproxima o fim do Ensino Médio e começa-se a pensar no vestibular e na ideia de profissão.

Os jovens que ingressam no Ensino Médio encontram-se em circunstâncias extremamente especiais, uma vez que são socialmente exigidos e, conseqüentemente, autoexigidos a uma definição profissional em um futuro próximo. A situação agrava-se ao considerar-se que, para a maioria, em se tratando da escola pública, o futuro é agora, dada sua condição de vulnerabilidade social e econômica. Nesse caso, a profissionalização impõe-se já no Ensino Médio, tornando ainda mais precoce a necessidade de definição da atividade profissional, já que as condições de maturidade nesse período raramente estão dadas para uma escolha consciente. [...]. Para aqueles jovens em condições mais favoráveis, em especial do ponto de vista socioeconômico, a definição pode ser protelada, mas, logo ali, provas para ingresso no Ensino Superior os convocarão a tomar a decisão, estabelecendo-se assim o mesmo dilema. (ARAGONEZ, 2013, p 170).

Dito isso, faz sentido pensar no ensino feito *a partir* do trabalho. Reforçando a ideia da importância do trabalho como um princípio que educa, cito Pistrak:

Graças ao trabalho o homem se torna disciplinado e organizado: é preciso ensinar o amor e a estima pelo trabalho geral. O trabalho eleva o homem e lhe traz alegria; educa o sentimento coletivista, enobrece o homem e é por isso que o trabalho, e particularmente o trabalho manual de qualquer tipo, é precioso como meio de educação. (PISTRAK, 1981, p. 45).

Aqui, Pistrak faz uma forte referência ao trabalho manual, mas entendo que essa afirmação estende-se ao trabalho geral em si (trabalho científico-tecnológico), pois sua adaptação e importância, ao longo das décadas, assumiu um papel igual ou superior ao do trabalho manual, deixando assim uma equivalência social entre eles.

3.2.3. O Trabalho como Princípio Educativo no Processo da Reestruturação

Dado o que foi dito sobre a Escola do Trabalho, vejo que seu principal objetivo é formar cidadãos que tenham capacidade de tornarem-se trabalhadores completos⁵. Gostaria, antes de voltar a falar da Proposta, citar os 3 princípios básicos que Pistrak usa para definir o objetivo da escola (1981):

- 1- “A Escola deve dar aos alunos uma formação básica social e técnica suficiente para permitir uma boa orientação prática na vida”.
- 2- “Ela deve assumir antes de tudo um caráter prático a fim de facilitar ao aluno a transição entre escola e a realidade integral da existência, a fim de capacitá-lo a compreender seu meio e a se dirigir automaticamente”.
- 3- “Ela deve acostamá-lo a analisar e a explicar seu trabalho de forma científica, ensinando-lhe a se elevar do problema prático à concepção geral teórica, a demonstrar iniciativa na busca de soluções”.

Tais objetivos vão ao encontro do que versa a Proposta. O documento enfatiza o quão fundamental é, para a escola, fornecer não só os conhecimentos técnicos, mas também a habilitação profissional, necessários para a inserção do aluno à nossa sociedade. O Ensino Médio Politécnico cria condições para que recebam-se, ao longo do processo de

⁵ Entendo aqui por trabalhador completo aquele cidadão apto a aprender e desenvolver com suficiência qualquer atividade a que se proponha.

aprendizagem, a técnica necessária para o processo produtivo e a formação necessária à compreensão de seu desenvolvimento e inserção na produtividade local.

O Ensino Médio politécnico, ao qual a Educação Profissional está integrada após a reestruturação curricular, possibilita concretamente essa articulação do conhecimento e remete o olhar através do método investigativo, para a diversidade de técnicas e tecnologias (com seus fundamentos) necessárias para uma determinada economia ou cultura viver, possibilitando a formação de sujeitos integrais, que sejam técnicos eficientes, com capacidade criativa e com capacidade de ler o mundo e nele incidir a partir de seu conhecimento, lembrando que esse é transitório e exige permanente disposição para continuar aprendendo. (ARAGONEZ, 2013, p. 181).

Diante do que foi exposto, podemos inferir algumas conclusões sobre o trabalho como princípio que educa. Primeiramente, que o trabalho na escola não pode ser concebido sem que se considere o objetivo geral da educação, que é o de fornecer ao aluno “princípios que lhe possibilitarão uma avaliação moral de sua própria pessoa, enquanto membro da sociedade, a determinação do próprio lugar na grande luta pela existência” (PISTRAK, 1981, p. 87). Segundo, não se trata do trabalho físico, do gasto de energia, mas sim do trabalho socialmente útil, daquele que propiciará ao indivíduo uma posição crítica frente à sociedade. Uma educação que tenha o trabalho como ponto de partida, tem de servir ao aluno de modo a armá-lo para adaptar-se a uma sociedade mutável e que cada vez mais necessita de profissionais flexíveis. E por fim, que o trabalho, como princípio educativo, tem de estar em sintonia com a realidade do aluno, é um fenômeno de ordem social, é a participação ativa na construção social.

3.3. INTERDISCIPLINARIDADE

Interdisciplinaridade é um tema constantemente abordado no meio acadêmico. Não apenas pelo fato de ser um modo de pensar “o conhecimento”, mas também por ser continuamente revitalizada por teóricos e educadores das mais diferentes áreas. Nesta seção, farei um diálogo sobre algumas concepções interdisciplinares. Não pretendo, entretanto, fazer definições acerca do assunto, pois como veremos a seguir, interdisciplinaridade é um tema muito amplo e mutável para se definir. “A interdisciplinaridade jamais se define e jamais se dá a definir. O que ontem se definiu em conteúdo hoje se transmuta em forma e, ao se modificar em outro propósito, também em conteúdo se modifica”. (FAZENDA, 1991, p. 109)

3.3.1. Integração e interdisciplinaridade

Apesar de ser um trabalho difícil definir interdisciplinaridade, seu princípio básico é sempre o mesmo: “caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pela integração das disciplinas num mesmo projeto de pesquisa” (FAZENDA, 1991, p.31).

Ao analisarem-se os diferentes conceitos que se tenta fazer sobre o assunto, integração e interdisciplinaridade, quatro ganham destaque – pluri, multi, inter e transdisciplinaridade. Pluri ou multidisciplinaridade é a atitude de integração de conteúdos numa mesma disciplina. Interdisciplinaridade, em geral, é abordada como uma relação de reciprocidade, de interação, que possibilite o diálogo entre seus interessados. Transdisciplinaridade é um conceito que pressupõe uma disciplina a frente às demais.

O nível transdisciplinar seria o mais alto das relações iniciadas nos níveis multi, pluri e interdisciplinares. Além de se tratar de uma utopia, apresenta uma incoerência básica, pois a própria ideia de uma transcendência pressupõe uma instância científica que imponha sua autoridade às demais, e esse caráter impositivo de transdisciplinaridade negaria a possibilidade do diálogo, condição *sine qua non* para o exercício efetivo da interdisciplinaridade. Quanto à multi e pluridisciplinaridade, implicando apenas a integração de conhecimentos, poderiam ser consideradas etapas para a interdisciplinaridade. (FAZENDA, 1991, p.31).

Outro tópico que não podemos deixar de discutir é a *parceria*. Esse tema está ligado com tanta ênfase à interdisciplinaridade que quase se mescla a ela em muitas falas, por isso reservo a próxima seção para abrir um pouco mais o assunto.

3.3.2. Parceria

A interdisciplinaridade, antes de tudo, tem como pilar fundamental a parceria. Não podemos pensar em construir um trabalho que una alunos e professores, das diversas disciplinas, com o objetivo primeiro da integração, sem pensar na colaboração⁶ de todos os envolvidos. De acordo com Fazenda (1991, p. 109): “A parceria é premissa maior da interdisciplinaridade. O educador que se pretende interdisciplinar não é solitário, é parceiro: parceiro de teóricos, parceiros de pares, parceiro de alunos, *sempre parceiro*”.

⁶ Entende-se aqui por colaboração o ato de trabalhar em conjunto.

Em particular, a Matemática, se pensada de modo interdisciplinar, é uma maneira de enxergar o mundo “matematicamente”, é fazer uma leitura do mundo e de si mesma. É enxergar a matemática também como uma linguagem, que antes de tudo, precisa também de uma linguagem convencional bem-articulada para ser bem assimilada. E lembro aqui, que o mundo já nos exige certa cultura matemática.

3.3.3. Uma sala de aula interdisciplinar

Apesar de não existir uma teoria interdisciplinar única, podemos elencar algumas características de uma *sala de aula interdisciplinar*. O *tempo* ou o *horário* numa sala interdisciplinar não é imposto, é proposto. A *autoridade* do professor não é outorgada é conquistada. A *avaliação* é feita diariamente, e não ao final do curso.

Uma prática que abrange as características citadas acima é o trabalho com projetos. Em especial com projetos educacionais, melhor explicados na seção seguinte, os quais fornecem um ambiente propício para o trabalho interdisciplinar. “[...] a interdisciplinaridade, não por acaso, marca hoje, em especial, os projetos educacionais, pois através dela é evidente a possibilidade de revisão do atual paradigma de ciência e, conseqüentemente, de educação”. (FAZENDA, 1991, p.110).

3.4. PROJETOS

Haja visto que a Proposta da SEDUC/RS versa explicitamente que o trabalho dentro dos Seminários Integrados deve ser feito, dentro das possibilidades da escola, via projetos, reserve essa seção para debater e definir tópicos sobre o assunto em questão.

Um projeto, em sua essência, busca a resolução de algum problema em específico. É uma busca para sanar um questionamento, uma inquietude do indivíduo. Na definição literal (Dicionário Aurélio Online⁷):

⁷ Disponível em <<http://www.dicionariodoaurelio.com>>. Acesso em 27/05/2014 as 23:00h.

Projeto [do lat. *projectus*, lançado para frente.]

- O que se tem a intenção de fazer; desígnio; intento; plano de realizar qualquer coisa.
- Estudo, com desenho e descrição, de uma construção a ser realizada.
- Primeira forma de uma medida qualquer: ainda é um projeto.
- Projeto de lei, texto redigido e em tramitação numa Casa legislativa, o qual depende de aprovação para se transformar em lei.

Com essa visão podemos entender que quase tudo pode constituir um projeto, e isso faz sentido se pararmos para analisar a gama de projetos existentes nas mais diferentes áreas possíveis. Temos projetos no direito, na arquitetura, engenharias, administração, educacionais, políticos, enfim, um projeto pode ser aplicado em diversas áreas com o objetivo primeiro de resolver um problema pertinente.

É uma sequência de tarefas com um início e um fim que são limitadas pelo tempo, pelos recursos e resultados desejados. Um projeto possui um resultado desejável específico; um prazo para execução; e um orçamento que limita a quantidade de pessoas, insumo e dinheiro que podem ser usados para completar o projeto. (BAKER & BAKER, 1998 *apud* MOURA, D.G. e BARBOSA, E.F., 2006, p. 22).

Dos diferentes projetos existentes, interessa-nos os projetos educacionais. Em geral, quando nos referimos a “projetos” no ramo educacional, estamos falando mais especificamente no termo “pedagogia de projetos” ou o que também se apresenta com frequência em livros como “projetos de trabalho”.

[...] “Projetos de trabalho” são desenvolvidos com o propósito específico de construção de conhecimento, formação de habilidades e competências, levando o aluno a uma aprendizagem contextualizada e significativa. (MOURA, D.G. e BARBOSA, E.F., 2006, p. 22)

Abordarei esse tipo específico de projeto mais a frente, pois sua importância, no âmbito dos *projetos educacionais* é central.

3.4.1. Projetos Educacionais

De acordo com Moura e Barbosa (2006):

[...] projeto educacional é um empreendimento de duração finita, com objetivos claramente definidos em função de problemas, oportunidades, necessidades, desafios ou interesses de um sistema educacional, de um educador ou grupo de educadores, com a finalidade de planejar, coordenar e executar ações voltadas para a melhoria de processos educativos e de formação humana. Em seus diferentes níveis e contextos. (Ibidem, p. 23).

A definição acima é ampla, e inclui projetos de pequeno porte, feitos por um grupo de alunos, até projetos envolvendo redes inteiras de instituições. É importante salientar ainda que projetos educacionais não são exclusivos de escolas e instituições de ensino. Qualquer empresa, organização ou entidade, pode propor e desenvolver projetos educacionais, sempre com o objetivo de promover o conhecimento.

3.4.2. Tipologia de Projetos

Ao pesquisar sobre projetos, de modo geral, encontram-se diversas definições e tipos de projetos. O pesquisador tem de se valer do que é útil para si e o que lhe é importante. Dito isso, reservo essa seção para expor alguns dos tipos de projetos, os quais julguei mais importantes para este trabalho, em vista também de sua notoriedade em diversos estudos.

Antes, ainda, vale explicitar aqui a diferença entre um *projeto* e uma *pesquisa*, temas de ideia semelhantes, mas com uma diferença substancial. Um projeto é um empreendimento desenvolvido que busca, na resolução de seu problema, produzir algo novo. A pesquisa, por sua vez, visa a produção do conhecimento. Com isso podemos inferir que *toda pesquisa é um projeto*, pois esta sempre produz algo novo ao indivíduo, ou seja, um conhecimento, entretanto, *nem todo projeto pode ser considerado uma pesquisa*, pois podemos produzir algo novo que não seja, necessariamente, um conhecimento (MOURA, D.G. e BARBOSA, E.F., 2006, p. 27).

Dito isso, segue uma tabela com os principais tipos de projetos que podemos encontrar em nosso meio educacional, dos quais tratarei dois deles com maior especificidade a seguir.

Tabela 2: Tipologia de Projetos

Projetos de Intervenção

São projetos desenvolvidos no âmbito de um sistema educacional ou de uma organização, com vistas a promover uma intervenção, propriamente dita, no contexto em foco, através da introdução de modificações na estrutura (organização) e/ou dinâmica (operação) do sistema ou organização, afetando positivamente seu desempenho em função de problemas que resolve ou de necessidades que atende (esse tipo de projeto ocorre também em outras instituições e contextos, tais como: setor produtivo, comercial, etc.).

<p>Projetos de Pesquisa <i>São projetos que têm por objetivo a obtenção de conhecimentos sobre determinado problema, questão ou assunto, com garantia de verificação experimental (existem diversos tipos de projetos de pesquisa, próprios dos setores acadêmicos e de instituições de pesquisa, que podem ser estudados à parte através de uma literatura rica e abrangente).</i></p>
<p>Projetos de Desenvolvimento (ou de Produto) <i>São projetos que ocorrem no âmbito de um sistema ou organização com a finalidade de produção ou implantação de novas atividades, serviços ou “produtos”. Exemplos de projetos deste tipo são: desenvolvimento de novos materiais didáticos; desenvolvimento de nova organização curricular; desenvolvimento de um novo curso; desenvolvimento de softwares educacionais etc. (este tipo de projeto é muito comum também em outras organizações e contextos como o setor produtivo, comercial, serviços etc.).</i></p>
<p>Projetos de Ensino <i>São projetos elaborados dentro de uma (ou mais) disciplina(s), dirigido à melhoria do processo de ensino-aprendizagem e dos elementos de conteúdo relativos a essa disciplina (este tipo de projeto é próprio da área educacional e refere-se ao exercício das funções do professor).</i></p>
<p>Projetos de Trabalho <i>São projetos desenvolvidos por alunos em uma (ou mais) disciplina(s), com contexto escolar, sob orientação de professor, e têm por objetivo a aprendizagem de conceitos e desenvolvimento de competências e habilidades específicas.</i></p>

Fonte: MOURA, D.G. e BARBOSA, E.F., 2006, p. 28.

É importante salientar que esses tipos de projetos podem ser trabalhados concomitantemente, ou seja, não são excludentes entre si. Podemos transitar pelos diferentes tipos de projetos para resolver o mesmo tema em comum, ou seja, ao trabalhar com um Projeto de Intervenção, podemos utilizar características, ou até mesmo um projeto inteiro, de um Projeto de Pesquisa.

Todos os projetos explicitados acima podem fazer parte do contexto educacional e podem ser trabalhados no ambiente escolar. Entretanto, apropriar-me-ei dos dois últimos tipos, Ensino e Trabalho, pelos seguintes fatores: são os tipos mais comumente vistos em livros didáticos; são os ligados mais diretamente à sala de aula, pela sua adaptabilidade à diferentes contextos e são os que observei ocorrerem durante minhas experiências pessoais.

3.4.2.1. Projetos de Trabalho

Projetos de Trabalho são amplamente aplicados no contexto escolar, pois focam diretamente o aluno e as atividades desenvolvidas por ele. O professor passar a ser um orientador do desenvolvimento de seu trabalho, ou seja, ele deixa de ser o centro da aula, do

detentor do conhecimento em si, e passa a ser um auxiliador da produção do conhecimento do qual aqueles alunos se apropriaram.

Esses projetos desenvolvidos especificamente por alunos podem ser trabalhados em diversos contextos, sempre com o objetivo primeiro de responder uma questão problematizadora. São os mais trabalhados dentro das salas de aulas, pois sua estruturação é mais fácil e didática, além de prover uma rápida resposta sobre seus objetivos alcançados e uma fácil adaptação a mais de uma disciplina, provendo assim uma maior interdisciplinaridade.

Os Projetos de Aprendizagem configuram uma prática pedagógica que leva os estudantes a aprenderem a aprender, desenvolvendo a autonomia e a autoria dos aprendizes frente a sua construção de conhecimento e construindo estratégias de trabalho em equipe, com a cooperação entre aprendizes e entre aprendizes e seus orientadores. (MATTOS, E ; BASSO, M. 2011, p. 48).

Os autores acima, entendem por “projeto de aprendizagem” o mesmo conceito que me fiz valer ao mencionar “projetos de trabalho”, pois ambas as nomenclaturas são, em muitos textos, diferentes apesar de representarem a mesma estrutura e conceituação.

O trabalho de projetos com alunos de uma determinada turma traz a estes um ambiente de aprendizagem diferente daquele que uma aula rotineira, pois coloca o aluno em posição central, fazendo dele um explorador daquilo que lhe impulsiona.

A estruturação de um projeto de trabalho depende muito do professor. Em geral cobra-se, em seu corpo, tópicos essenciais tais como: tema; justificativa; objetivos; metodologia; referencial teórico e conclusão. Lembrando que o projeto deve, dentro de suas características e peculiaridades, oferecer alguma forma de verificação experimental das hipóteses.

3.4.2.2. Projetos de Ensino

Os Projetos de Ensino estão diretamente ligados à função do professor, ao exercício intrínseco da docência. É um planejamento que o professor desenvolve à luz da uma determinada competência ou conteúdo. O planejamento e realização de um projeto são bem diferentes dos de uma atividade rotineira – como uma aula planejada, por exemplo –, pois o trabalho com projetos segue toda uma estrutura própria.

Enquanto as atividades orientadas para a rotina têm como finalidade a manutenção de um nível de desempenho funcional, as atividades orientadas para projetos têm como finalidade a mudança desses níveis através da melhoria de processos, da solução de problemas, do atendimento de necessidades etc. (MOURA, D.G. e BARBOSA, E.F., 2006, p. 25).

Cabe ainda, elencar mais uma característica importante sobre os Projetos de Ensino, este tipo de projeto visa sempre à melhoria do processo de ensino-aprendizagem de elementos relativos a uma disciplina de conhecimento.

O projeto de ensino constitui uma oportunidade de organização e efetivação do trabalho do professor, com as vantagens próprias do desenvolvimento de atividades no modelo de projetos. Muitos professores adotam procedimentos que podem adquirir o status de projeto com a vantagem da produção de algo novo que possa ser divulgado no meio educacional, contribuindo para o enriquecimento desse campo de atividades. Os resultados dessa produção poderão ser divulgados em congressos e publicações diversas na forma de relato de experiência. (Ibidem, p. 213).

Resumindo, *Projetos de Trabalho* são aqueles feitos por alunos com vista à resolução de algum problema gerador (questão que norteará o desenvolvimento do trabalho do aluno) através de uma série de atividades orientadas por um professor, seguindo certos elementos estruturais. *Projetos de Ensino*, por sua vez, referem-se ao exercício do professor, ou seja, é uma atividade planejada pelo professor com o objetivo de desenvolver em seu público alguma determinada competência.

É importante salientar, por fim, que ambos os projetos podem ocorrer paralelamente, assim como todos os demais projetos. Por exemplo, pode-se desenvolver um projeto de ensino, onde o professor, por exemplo, tenha como objetivo implantar a metodologia de projetos de aprendizagem junto aos seus alunos, num determinado contexto, ou seja, um projeto sobre o desenvolvimento de projetos.

4. METODOLOGIA

4.1. CARACTERIZAÇÃO: ESTUDO DE CASO

Diante das mais variadas formas de conceber minha pesquisa, optei pelo estudo de caso. Tal escolha foi feita pelas aproximações que esse tipo de estudo tem com as características deste trabalho. Citando Ponte: “Um estudo de caso visa conhecer uma entidade bem definida como uma pessoa, uma instituição, um curso, uma disciplina, um sistema educativo, uma política ou qualquer outra unidade social. (Ponte, 2006, p.2)”. A definição apresentada por Ponte justifica o porquê da utilização dessa metodologia a frente de outras: a análise da implementação dessa política educacional. Em estudos de casos podem ser utilizadas diferentes técnicas e estratégias para coletas de dados, tais como questionários, entrevistas, sequências didáticas ou outras formas que deem conta das necessidades do pesquisador, em vistas de reconhecer aspectos de uma determinada unidade.

Algumas características importantes sobre um estudo de caso fazem-se necessárias para nortear o progresso da pesquisa. Yin (2001), afirma que um estudo de caso deve, em geral, ser tomado quando existirem questões como “como” e “por quê”.

Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo "como" e "por que", quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real. (YIN 2001, p. 19)

Minha pesquisa é guiada a partir de um “como”, *como está se dando a implementação dos Seminários Integrados*. Ainda, Yin (2001) elenca cinco características essenciais, de um projeto de pesquisa, para se desenvolver um estudo de caso, apresentadas a seguir.

1. *As questões de um estudo;*

Como supracitado, são as questões do tipo “como” e “por quê”, que devem ser as motivações iniciais que levaram ao estudo.

2. *Suas proposições, se houver;*

Tais proposições dizem respeito às inferências que podemos fazer a partir das questões de “como” e “por quê” que originaram o estudo, ou seja, as possíveis respostas para nossas questões iniciais, podendo estas serem verdadeiras ou falsas. Tais inferências podem nortear o andamento da pesquisa.

[...] questões "como" e "por que", pegando a essência daquilo que você realmente está interessado em responder, levam-no ao estudo de caso como a estratégia apropriada em primeiro lugar. Não obstante, tais questões não apontam para aquilo que você deveria estudar. Somente se for obrigado a estabelecer algumas proposições, você irá na direção certa. (YIN, 2001, p. 42).

3. *Suas unidades de análise;*

Como dito anteriormente, um estudo de caso visa uma determinada unidade. Essa unidade de análise engloba desde uma pessoa física a uma instituição inteira. Resumindo, a unidade de análise de um estudo de caso refere-se ao alvo que se pretende estudar na pesquisa.

4. *A lógica que une os dados às proposições;*

Muitas vezes, existe mais de uma maneira de se coletar os dados de uma pesquisa, e os resultados destas formas de coletas podem ser diferentes. Deve-se então, a partir da noção lógica que liga os dados às proposições, aprofundar o estudo das informações obtidas por meio de uma “adequação ao padrão”. Como explica Yin, “a técnica de adequação ao padrão é a maneira de relacionar os dados às proposições, muito embora o estudo inteiro consista apenas em um caso único”. (YIN, 2001, p. 47).

5. *Os critérios para se interpretar as descobertas.*

Não há uma única maneira de se interpretar os dados obtidos com o estudo de caso. Até porque, existem, dentro da forma da coleta, duas maneiras bem distintas de se captar tais informações – através de uma pesquisa quantitativa (para estudos mais abrangentes, ou sem muito detalhamento) ou qualitativa (para verificar mais pontualmente os casos) –, ou ainda, se pode misturar os dois tipos e assim ter uma pesquisa mista. O mais importante na interpretação dos fatos, é a clareza e coesão dos dados com o material obtido para análise.

Normalmente, não há uma maneira precisa de se estabelecer os critérios para a interpretação das descobertas. O que se espera é que os diferentes padrões estejam contrastando, de forma clara e suficiente, que as descobertas podem ser interpretadas em termos de comparação de, pelo menos, duas proposições concorrentes. (YIN, 2011, p.47).

Por fim, um estudo de caso, como cita Ponte (2006), deve, em suma, ser encarado como um trabalho interessante e surpreendente, guiado por uma narrativa pessoal cunhada por textos científicos e teóricos. Assim, com base nas afirmações acima e nas cinco características que compõem um estudo de caso, estrutura a metodologia deste trabalho.

4.2. CONTEXTUALIZAÇÃO

Duas escolas foram escolhidas como objeto da pesquisa neste trabalho. A primeira, Escola Técnica Estadual Irmão Pedro, localizada na Rua Felix da Cunha, bairro Floresta, Porto Alegre – RS, é uma escola de Ensino Médio que oferece inclusive, na modalidade subsequente, cursos de formação técnica de: secretariado; contabilidade; e publicidade. Em relação ao Ensino Médio a escola possui ampla estrutura tal como: sala de estudos para os alunos; biblioteca; laboratório de informática; salas específicas para cada um dos três cursos técnicos; enfim, uma estrutura que considero, em meus parâmetros, excelente. Ainda, a escola tem 21 turmas de Ensino Médio, distribuídas em: 8 turmas de 1º ano; 7 turmas de 2º ano e 6 turmas de 3º ano. Totalizando cerca de 620 alunos no Ensino Médio, devidamente matriculados nesse ano de 2014.

A segunda escola escolhida para a pesquisa foi a Escola Estadual de Educação Básica Dolores Alcaráz Caldas, situada na Rua Affonso Celso Pupe da Silveira, bairro Jardim Ipiranga, Porto Alegre – RS, que possui turmas de Ensino Fundamental e de Ensino Médio. Entre suas instalações vale a pena ressaltar os diversos laboratórios e salas de vídeo, além de uma completa biblioteca. Suas turmas totalizam cerca de 250 alunos no Ensino Médio, que são distribuídas em: 4 turmas de 1º ano; 3 turmas de 2º ano e 3 turmas de 3º ano.

Ambas as escolas foram escolhidas pela afinidade que desenvolvi com professores e coordenadores ao longo de minha estadia no PIBID, pois, por mais de um ano, trabalhei na Escola Irmão Pedro e, recentemente, venho desenvolvendo atividades na Escola Dolores.

O público alvo de minha pesquisa são os membros docentes das escolas supracitadas, tais como: professores regentes da disciplina de seminários; coordenadores pedagógicos; diretores e vice-diretores; e professores de matemática.

4.3. COLETA DE DADOS

Como já havia citado anteriormente o objetivo principal da minha pesquisa neste trabalho é:

- Verificar se os Seminários Integrados estão sendo desenvolvidos e cumprindo os objetivos apresentados na Proposta para a reestruturação do Ensino Médio

Politécnico do RS.

Para que conseguisse dar conta de ter alguma conclusão ou resposta para a pergunta acima, optei por realizar entrevistas áudio-gravadas e transcritas, mantendo sempre a autenticidade do que foi dito pelos entrevistados. As entrevistas foram elaboradas de maneira semiestruturada, ou seja, apesar de seguirem um roteiro previamente elaborado e avaliado dá-se ao autor liberdade de interferir em sua aplicação, adicionando, removendo e/ou alterando questões na medida em que vai se desenrolando a conversa.

Dentro do espaço amostral da minha pesquisa, as entrevistas foram realizadas com: 2 vice-diretores; 1 professor de física (também regente da disciplina de seminários); 2 professores de matemática (regentes da disciplina de seminários); 1 professora de biologia (regente da disciplina também), totalizado assim, 6 entrevistas áudio-gravadas e transcritas, que encontram-se no apêndice deste trabalho.

4.4. ENTREVISTAS

Para que essas entrevistas conseguissem me fornecer respostas suficientemente claras para minha questão norteadora, tive o cuidado de abranger os três tópicos os quais julguei importantes ao realizar o estudo da Proposta da SEDUC/RS. Os tópicos referidos são os que me fiz valer em meu referencial teórico – trabalho como princípio educativo, interdisciplinaridade e projetos – pois, assim, acredito que estará claro como as escolas alvo entenderam a Proposta e como implementaram os Seminários Integrados.

Seguem agora, os roteiros das entrevistas que utilizei para meu trabalho, separadas em duas frentes: *roteiro de perguntas dos professores* e *roteiro de perguntas à coordenação pedagógica*. O primeiro roteiro foi aplicado aos professores (regentes ou não das disciplinas de seminários) e o segundo foi destinado à coordenação pedagógica (diretores e vice-diretores).

4.4.1. Roteiro de Perguntas dos Professores.

- 1) Qual a sua formação acadêmica? Há quanto tempo leciona? E na escola _____?
- 2) Sobre o documento disponível pela SEDUC/RS, sobre a reestruturação do Ensino Médio Politécnico, você poderia de fazer um breve comentário sobre o documento?
- 3) A proposta apresentada pela SEDUC/RS (2011) tem como um dos principais objetos da Educação Básica, formar um cidadão apto ao mundo do trabalho. O que você entende por “apto ao mundo do trabalho”? Você enxergava o aluno recém-egresso do Ensino Médio (anterior à 2011), apto ao mundo do trabalho? E agora (2011 - 2014)?
- 4) Como a sua escola recebeu essa nova reestruturação? Foram feitos debates, reuniões e/ou assembleias para que fosse discutido o documento e sua implementação? Se sim, o que foi discutido? Chegaram a um acordo (coordenação e professores)?
- 5) O que a escola faz atualmente para acompanhar a evolução dessa implementação? Reuniões? Debates? Trocas entre professores? Seminários? Cursos de formação continuada?
- 6) Como é trabalhado o componente curricular “Seminário Integrador” na escola? São feitos Projetos? Como? Qual o seu papel nessa questão?
- 7) O que você entende por interdisciplinaridade? Você acredita que durante os primeiros anos dessa nova implementação, houve interdisciplinaridade?
- 8) Você identifica resultados obtidos pela proposta nesses 3 anos desde seu início? Quais?
- 9) Depois de transcorridos os primeiros anos dessa implementação, você é a favor de sua continuidade? Por quê?

4.4.2. Roteiro de Perguntas Membros da Coordenação Pedagógica.

- 1) Qual a sua formação acadêmica? Há quanto tempo leciona? E na escola _____?
- 2) Por que vias chegou até vocês a nova Proposta de implementação para o Ensino Médio Politécnico?
- 3) Foi fornecido algum auxílio pela SEDUC para ajudar tal implementação? Tais como orientações de membros da SEDUC/RS; Palestras; Encontros.
- 4) A proposta apresentada pela SEDUC/RS (2011) tem como um dos principais objetos da Educação Básica, formar um cidadão apto ao mundo do trabalho. O que você entende por “apto ao mundo do trabalho”? Você enxergava o aluno recém-egresso do Ensino Médio (anterior à 2011), apto ao mundo do trabalho? E agora (2011 - 2014)?
- 5) Quais foram as ações de pré-implementação adotadas pela escola?
- 6) A proposta foi debatida com os demais membros escolares? De que forma? Houve acordo entre a coordenação pedagógica e professores?
- 7) Qual foi a metodologia adotada para tratar dos Seminários Integradores? Se foi via Projetos, como são trabalhados? Quais referenciais utilizados?
- 8) Passados três anos da implementação da Proposta, quais resultados podem ser constatados?
- 9) Depois de transcorridos os primeiros anos dessa implementação, você é a favor de sua continuidade? Por quê?

5. ANÁLISE DOS DADOS

Minha análise constituiu-se em duas frentes – a primeira, realizei um comparativo analítico dos conceitos de interdisciplinaridade, projetos e trabalho, descritos na Proposta, com o que os entrevistados entendem por estes; a segunda caracteriza-se pela análise a qual verifiquei se os Seminários Integrados, com base no que foi dito pelos entrevistados, foram implementados com o que preconiza a Proposta da SEDUC/RS. Desta forma teremos dados suficientes para responder a questão norteadora deste trabalho, *como estão sendo implementados os Seminários Integrados*.

5.1. O ENTENDIMENTO DA PROPOSTA

5.1.1. Trabalho com princípio educativo

Quanto ao *trabalho como princípio educativo*, nota-se que a maioria dos entrevistados entende o “mundo do trabalho” como “mercado de trabalho”, como mostram os trechos a seguir:

Professor A: “[...] o que o mercado de trabalho exige, é o mínimo, e nem esse mínimo, o governo tem nos dado condições para que possamos passar para os alunos. [...] Antes (da proposta) o aluno saía melhor para o mundo do trabalho que agora”.

Professor C: “Nós identificamos que o politécnico faz essa formação, mas depende muito do professor falar isso para o aluno, porque o politécnico em si não mostra as profissões. Consta que ele prepara o aluno para o mercado de trabalho, mas nós temos que fazer isso em conjunto com o sistema. [...] a ideia que se tem é que se tenha um leque de opções de profissões técnicas [...]”.

Neste último trecho nota-se, também, diferentes interpretações quanto ao Ensino Técnico e Ensino Politécnico. Tal como diz o professor S:

Professor S: “[...] se fosse para o mundo do trabalho, a gente deveria ter cursos técnicos [...]. Eu tenho uma formação técnica, no IPA, e na época a gente tinha tipo uma especialização que a gente fazia, então eu tenho um certificado, de 3 anos, de auxiliar de recreação. E eu lembro que na época, auxiliar de recreação, informática, secretariado, que

tu fazia paralelo com a escola, com o ensino científico, como era chamado na época. E por conta disso, logo que eu saí da escola eu já arrumei um emprego, pra trabalhar com recreação, porque eu tinha esse curso. Se fosse com essa ideia (arrumar um emprego logo após a sua conclusão), não deveria ter o seminário integrado.”

Entretanto, dois dos entrevistados (1 da coordenação e 1 professor), colocaram em suas palavras, característica do mundo do trabalho como um princípio educativo muito semelhante ao que versa a Proposta à luz do “trabalho como princípio que educa” que traz Pistrak (1981), o *trabalho socialmente útil*.

Professor R: *“Eu acredito que o aluno sair apto ao mundo do trabalho, é dar ao aluno ferramentas para que ele possa escolher os caminhos que deseja trilhar, não só um emprego, mas todos os tipos de trajetórias, seja profissional ou acadêmica, acho que é ajudá-lo e prepará-lo para enfrentar o mundo, e isso, a meu ver, sempre foi um dos objetivos principais da escola”.*

Professor E: *“Eu acho que seria o aluno apto a qualquer trabalho que ele quiser seguir adiante, apto a trabalhar, que ele tivesse condições de exercer qualquer uma atividade”.*

Em suma, os conceitos de *trabalho como princípio educativo* são interpretados de maneiras muito diferentes pelos membros das escolas alvo, pois há um entendimento equivocado ligando mundo do trabalho com emprego/profissão. Há também diferentes interpretações, por parte dos entrevistados, sobre a diferença do Ensino Técnico e o Ensino Médio Politécnico, pois para a maioria deles, politécnico quer dizer que o aluno sairá com várias formações técnicas, o que não está de acordo com a Proposta. É interessante salientar que alguns dos professores compreendem a Proposta como uma preparação para o mundo acadêmico sem, no entanto, interpretar que o mundo acadêmico também está inserido/ligado ao mundo do trabalho, pois este é, de acordo com Pistrak (1981), um trabalho socialmente útil assim como qualquer outra atividade.

Professor D: *“Especificamente para essa disciplina de Seminários Integrados e Projetos, eles saem com uma vantagem que as outras turmas não tiveram, quando a gente entra na faculdade, começam a nos pedir relatórios e pesquisas e ninguém sabe fazer isso, mas eles (alunos) já vão sair daqui com uma base muito boa de como fazer uma pesquisa, de como fazer uma fundamentação teórica, que é o maior temor deles. Então eles levam isso como vantagem em relação às turmas anteriores. Ou seja, eles saem um pouco mais preparados para o mundo acadêmico”.*

Por fim, em relação aos alunos egressos desse novo Ensino Médio Politécnico, os entrevistados, em geral, não os veem melhor preparados para o mundo do trabalho, pois, dentre outros fatores, acreditam que há uma falta de preparação, por parte do Governo, na instrução dos professores e da metodologia a ser adotada, como se pode interpretar a partir das falas a seguir.

Professor D: “[...] a proposta não preconiza a preparação para o mundo do trabalho. Isso aparece várias vezes no texto sim, mas as ferramentas que eles dão para isso não existem. Não acontecem”.

Professor R: “Eu não vejo o aluno muito melhor preparado para o mundo com essa nova proposta, pelo contrário, pois, principalmente pela avaliação que foi imposta, o aluno sai mais despreparado, sem uma base forte dos conteúdos específicos e sem formação básica de qualidade”.

Aqui, acredito que o que é dito por “ferramentas”, citada por um dos entrevistados, sejam as orientações e preparações oferecidas para o desenvolvimento das atividades, pela SEDUC/RS.

5.1.2. Interdisciplinaridade

Quanto a *Interdisciplinaridade*, as entrevistas mostram que, em geral, é identificada a ligação *interdisciplinaridade/parceria*. Mesmo assim, não se constatou nas falas dos entrevistados uma definição ou esclarecimento, de maneira pontual, sobre o tema, ficando restrito às colocações habituais de “o trabalho em conjunto das disciplinas”, “várias disciplinas trabalhando dentro de outra” ou “atividades que envolvam vários conhecimentos diferentes”.

Professor A: “[...] às vezes tu acaba transitando em uma área que não é o teu forte, daí tu chega pro teu colega profissional de área e pergunta se ele pode te ajudar. Essa parte é muito boa, tem essa articulação entre os professores, e entre as áreas também”.

Professor E: “[...] a interdisciplinaridade é na verdade todas as disciplinas trabalhando em prol daquele conteúdo, daquele projeto que vem se desenvolvendo, contribuindo de alguma forma com o seu conteúdo”.

Professor S: *“A gente tem três professores por turma como coordenadores, que são os professores que dão as aulas na disciplina de seminário. Mas todos os outros ajudam”.*

Entretanto, como afirma Fazenda (1991), interdisciplinaridade, por si só, é quase impossível de definir com conceitos, portanto, é justificável a falta de conceitos e definições por parte dos professores. Gostaria de salientar dois trechos que, a meu ver, se encaixam perfeitamente no que versa a proposta e no que entendo por interdisciplinaridade.

Professor R: *“[...] a interdisciplinaridade, que é o trabalho em conjunto de todos, ou das diferentes disciplinas, é uma premissa inerente à educação. Todo professor deve buscar isso, e ela sempre esteve presente na sala de aula, é uma ideia que compramos, independentemente das propostas governamentais”.*

Professor E: *“Eu fiquei com a disciplina de Seminários Integrados. Mas mesmo não ficando é papel de todos os professores na verdade, mesmo não sendo de Seminários, fazer essa integração entre as disciplinas, dentro dos projetos de pesquisa”.*

A Proposta versa a interdisciplinaridade dentro do Ensino Médio Politécnico, e não apenas nos espaços reservados aos Seminários Integrados. Entretanto, a maioria acredita que interdisciplinaridade deve ser trabalhada unicamente dentro desse espaço.

Professor E: *“As turmas eram divididas, conforme a carga horária do professor, pela supervisão, de forma que 3 a 4 professores tivessem seus períodos de seminários distribuídos na mesma turma, e o professor que tivesse mais períodos naquela turma era o tutor da turma, nos seminários, e esse tutor fazia o trabalho em conjunto com os outros professores, fazendo assim a interdisciplinaridade”.*

Concluo que, apesar das falas não serem claras quanto ao que eles entendem por interdisciplinaridade, a ideia de trabalho em conjunto está presente em todos os discursos. Portanto, há um entendimento substancial de como lidar com a questão interdisciplinar. Entretanto, as respostas deixam claro que o trabalho interdisciplinar é pensado e visto, dentro das escolas alvo, como prática exclusiva e destinada aos Seminários Integrados, o que não necessariamente preconiza o documento da SEDUC/RS e a própria ideia de interdisciplinaridade (que não pode ser delimitada a uma disciplina).

5.1.3. Projetos

Quanto ao trabalho com *Projetos*, nota-se que ambas as escolas trabalham, dentro dos Seminários Integrados, com projetos. As escolas deixam claro que os professores são os principais encarregados pelo planejamento e desenvolvimento das atividades dos seminários, em conta disso, alguns professores (regentes das disciplinas de seminários) optam pelo trabalho exclusivo com projetos, outros com uma diversidade maior de atividades, mas sempre englobando o trabalho com projetos.

Professor R: *“A metodologia depende muito do professor. Em geral, trabalha-se com projetos sim, mas se o professor quiser fazer um passeio de campo, ou convidar alguém para uma palestra, a escola ajuda nisso, esse ano tivemos palestrantes que vieram aqui para falar de temas diversos”.*

Professor D: *“No primeiro ano nós temos aquela formação teórica, então é única e exclusivamente projetos sobre pesquisa científica. No segundo ano, quando eles começam a desenvolver pesquisas mesmo, existe daí saídas de campo, passeios, existem palestras também. Já vieram aqui palestrantes falar no colégio sobre determinado assunto. [...] Todo o planejamento e metodologia foram construídos aqui dentro. Os referenciais fomos nós que buscamos, com a ajuda da nossa bibliotecária, que é excelente, muitas vezes nós nem sabemos com quem, nem como procurar, pedimos socorro a ela, e ela ia atrás e aparecia com material para a gente”.*

Em quase todas as falas, fica exposto que o trabalho com projetos nas salas de aula é desenvolvido a partir de temas livres. Desta forma os professores acreditam que desenvolvem características importantes de interdisciplinaridade e autonomia dos alunos. É importante salientar que todos os entrevistados veem “projeto” como um trabalho estritamente ligado à pesquisa, o que, de acordo com Moura e Barbosa (2006), não necessariamente é verdade.

Professor C: *“Trabalhamos com projetos. Na verdade a gente elabora o projeto, só que tem pesquisa. O projeto como o próprio nome já diz, é algo que deve ser projetado, adiante, no futuro, mas é como eu te disse, ele tem que ter uma responsabilidade, ou seja, pra que ele vai servir. [...] antes se falava muito no eixo-temático, ou seja, conforme aquele eixo ou alunos iam escolhendo seus assuntos. Agora a gente deixa mais livre. [...] desde que eu comecei a trabalhar aqui, com o segundo e terceiro ano, eu procurei deixar bem claro para eles que quando a gente faz uma pesquisa, temos que saber o porquê de estarmos fazendo ela, e que temos que ter uma boa justificativa. Porque fazer uma pesquisa por fazer, sem um sentido, pra mim, não tem nexos.”.*

Professor S: *“É sempre feito em torno de um tema. Eles escolhem um tema e então eles fazem a projeção. E esse tema pode ser bem variado. A gente não estipula assim tem que ser na área tal. Mas esse tem de envolver todas as áreas”.*

Cabe expor que os professores, em sua maioria, reclamam da falta de referencial a eles fornecida pela SEDUC/RS para trabalhar-se com projetos. De acordo com eles, é muito abrangente a interpretação sobre o que fazer nessa disciplina (Seminários Integrados), e nota-se, em função disso, que muitos deles se sentem inseguros e abandonados quanto a planejar uma disciplina, para eles, nova.

Professor D: *“As formações que eles ofereciam eram muito ambíguas. Num dado momento eles diziam que o caminho era para a direita e no seguinte que era para a esquerda. A gente, ouvindo os palestrantes, acabava se sentindo mais perdidos do que quando tinha entrado. Essas palestras tinham assuntos todos relacionados com a formação politécnica, não especificamente com os seminários”.*

Professor D: *“[...] o PIBID de Matemática da UFRGS, no ano passado, que trabalhou com as turmas de segundo ano, sendo esse o nosso projeto piloto, apontou resultados tão bons que nós resolvemos ir mais naquele caminho e aprofundamos aquela ideia de fazer o seminário com pesquisa científica de temática livre. Percebemos que liberando o tema eles (alunos) conseguem ter mais empenho e mais vontade de construir a pesquisa”.*

Em suma, os entrevistados apresentam uma ideia suficientemente clara sobre como desenvolver um projeto, mesmo que muito ligados ao conceito de *projeto de pesquisa*, o que não deixa de ser um. É visto, também, um descontentamento sobre a falta de apoio para se trabalhar com esse novo espaço de Seminários Integrados, o que acarreta em insegurança ao planejar a disciplina. Por fim, cito o trecho de uma das entrevistas em que o professor cita sua visão sobre o trabalho via projetos e da importância do PIBID em tal atividade.

5.2. A IMPLEMENTAÇÃO DO SEMINÁRIO INTEGRADO

Para conseguir, de maneira eficaz, analisar a implementação dos Seminários Integrados nas escolas alvo, dividi essa análise em duas partes. Na primeira analisei as entrevistas dos membros docentes da Escola Técnica Estadual Irmão Pedro. Na segunda, fiz o mesmo com os entrevistados da Escola de Ensino Básico Dolores Alcaráz Caldas.

5.2.1. Escola Irmão Pedro

O primeiro item que constatei em todas as entrevistas analisadas, dos membros desta escola, foi a interpretação que a Proposta feita pela SEDUC/RS foi imposta. Os entrevistados deixaram claro que a implementação foi feita de forma impositiva, ou seja, os poucos debates que ocorreram para a discussão da proposta não tiveram participação efetiva de nenhum membro da escola. Suas críticas e sugestões foram descartadas e o documento/Proposta foi feito, segundo os entrevistados, somente pelos membros da própria SEDUC/RS.

Professor D: *“A primeira coisa que eu acho importante salientar é que esse sistema politécnico não foi discutido, ele foi simplesmente imposto pelo atual governo sobre os colégios do Estado. Eles (governo) mentem que foi feita uma ampla discussão, eu participei como representante de colégios nessas discussões, e o que era dito para a gente era simplesmente “assinem”, e era isso. Todas as críticas que nós tínhamos, eu fiz várias críticas bem contundentes, foram completamente ignoradas, nenhuma das críticas foi ouvida. Até mesmo os elogios que foram feitos não foram ouvidos. Simplesmente, do jeito que eles fizeram era o que era pra ser. Isso ao longo desses 3 anos”.*

Professor R: *“A gente recebeu a proposta da secretaria de educação, e ela foi imposta a nós. Nós até tivemos reuniões para debatê-la, mas foram todas elas feitas após a proposta já pronta, ou seja, a gente não teve voz nenhuma para ajudar a construí-la”.*

Na conversa fica exposto, também o descontentamento dos demais professores sobre essa imposição desse novo sistema. Eles disseram que a Proposta não foi bem aceita, e que o processo de implementação teve de ser cauteloso.

Professor R: *“[...] para não ser muito impactante para o grupo de professores, nós fomos implementando ela aos poucos, até porque, só o esquema da nova grade horária já era bem diferente, mais períodos e a nova disciplina de seminários. [...] Os professores em geral, aqui na escola, são muito contestadores, e a proposta não foi muito bem aceita, mas acho que isso é normal com qualquer coisa que mude muito as coisas”.*

Houve reuniões, dentro da escola, para debater e entender a Proposta. Eles citam também a falta de padronização e/ou definições no documento da SEDUC/RS, e isso, segundo os entrevistados, acarretou em diferentes metodologias nas escolas do Estado. Por falta de padronização, cada escola entendeu e implementou a Proposta e os Seminários

Integrados a sua maneira, o que provocou aos docentes insegurança e desconsideração pela nova disciplina.

Professor R: *“A gente tem reuniões toda a semana, com a coordenação. E dentro das reuniões, a gente conversava muito sobre como estruturá-la e implementá-la, porque nada disso foi nos passado, tanto é como eu já havia dito, cada escola fez de um jeito, de acordo com o que entendeu, isso dá até uma certa característica peculiar à escola, pois cada escola aplica a proposta de acordo com suas características, mas também acaba tirando a unidade, ou seja, não há um padrão no ensino médio para isso”.*

É importante salientar que os professores afirmam que não houve auxílio nenhum do Estado para a implementação. Não ocorreram, ainda de acordo com os entrevistados, formações continuadas específicas para os Seminários Integrados e as que houveram para o Ensino Médio Politécnico eram ineficazes e confusas para eles.

Professor R: *“Nesses anos, foram feitos grandes investimentos em formação continuada sim, tiveram vários cursos, bolsa e mais coisas, algumas produtivas, outras não. Mas não tivemos nada específico para os seminários”.*

Nesta escola (Irmão Pedro) a disciplina de Seminários Integrados foi dividida em três disciplinas – Projeto I, II e III – esses componentes curriculares seguem ao longo dos três anos do Ensino Médio. Cada uma das disciplinas de Projetos é ministrada por um professor diferente em cada um dos três anos. Os entrevistados da escola acreditam que desta forma o trabalho é mais produtivo e traz resultados melhores do que a divisão de cada disciplina entre os professores. Desta forma não há muito contato dos demais docentes com a disciplina de Projetos, o que vai de encontro com o que versa o documento da SEDUC/RS, pois o mesmo prevê uma rotatividade entre os professores e o trabalho em parceria dos mesmos dentro da disciplina.

Os professores elencam tanto resultados positivos quanto negativos. De positivos eles enxergaram que os alunos egressos desse novo sistema politécnico estão mais preparados para o mundo acadêmico. Em contrapartida eles enxergam os alunos menos comprometidos, pois, de acordo com eles, o sistema avaliativo imposto pela Proposta facilita o relaxamento e a procrastinação dos alunos.

Professor D: *“Eles aprenderam, através desse sistema politécnico, que oferece inúmeras oportunidades de recuperação, que eles sempre podem deixar para o último momento, a última instância, a última oportunidade. E por conta disso acabam nunca se empenhando*

desde o começo. O que leva eles a uma apatia e um comodismo muito grandes. Então, o aprendizado real deles, em comparação aos anos anteriores, é menor”.

Professor R: *“[...] acho que os nossos alunos estão mais preparados para uma escrita científica, falando um pouco mais especificamente sobre os seminários, e isso vai ser útil para os que quiserem seguir uma vida acadêmica. De ruim, principalmente, a avaliação, que aumentou a procrastinação do aluno, ele sempre pode ter outra oportunidade para reaver a nota que não foi alcançada, e notamos que os alunos que estão saindo agora do ensino médio, por conta disso, muito mais relaxos, muito mais acomodados e preguiçosos”.*

É importante notar aqui que os professores em momento algum citam que enxergam os alunos melhores preparados à vida, ao mundo do trabalho, que não os enxergam mais críticos, mais preparados a tomar decisões conscientes sobre seus rumos, o que é a ideia central desse novo Ensino Médio Politécnico.

Por fim gostaria de expor as falas dos entrevistados desta escola sobre o futuro desse novo sistema politécnico:

Professor R: *“[...] eu acredito que se houver uma troca de governo essa proposta vai ser revista, mas provavelmente terá uma revisão puramente política, o que, a meu ver, não trará melhoras significativas nenhuma”.*

Professor D: *“Eu acho que ela deve se manter, mas com muitas mudanças. Ela tem pontos positivos. Mas ela tem uma quantidade de pontos negativos muito grandes, tem muita coisa que a gente precisa melhorar. Digo que tem muita coisa que a gente tem que voltar atrás. [...] eu acho que precisa ser melhorada é a questão da avaliação. O aluno recebe tantas oportunidades de recuperação que ele aprendeu que sempre pode deixar tudo pra última hora, que sempre vai ter outra oportunidade”.*

5.2.1. Escola Dolores

Tal como na outra escola alvo, o que ficou muito explícito nas entrevistas dos membros desta escola, foi a imposição do novo sistema politécnico.

Professor A: *“[...] a proposta foi imposta a nós. Não foi proposto”.*

Professor S: *“Uma das coisas que eu me lembro, é que foi uma proposta que chegou. Mas quando ela chegou, já chegou pronta. Que inclusive foi uma das reivindicações das gurias (equipe diretiva), elas questionavam isso, que a coisa já chegou pronta. Ela (proposta) não foi discutida pelas bases. Ela não foi consultada com os diretamente envolvidos”.*

É dito também que não houve preparação e instrução para a escola implementar esse sistema. Eles afirmam que a falta dessa instrução acarretou dificuldades na construção da disciplina de seminários, fazendo assim com que houvesse muita resistência por parte dos professores e insegurança quanto ao trabalho nesse novo componente curricular.

Professor E: *“Simplesmente veio para a escola (o documento) e as formações foram acontecendo depois que já se estava sendo trabalhado, e essa deveria ser a primeira preocupação da Secretaria, instruir os professores para trabalhar com os Seminários Integrados, não ao longo, talvez sim, mas principalmente antes. Muito professores entravam em sala de aula, não sabendo muito bem o que deveria ser feito. [...]. Eles (professores) foram bastante resistentes, mas como é algo que tu tem que fazer. A resistência é muito grande até hoje, até porque quem dá Seminários é que tem sobra na carga horária, ou quem quer, mas tem disciplinas que são obrigadas a dar os Seminários, é algo tipo imposto assim por dizer. Isso gera bastante resistência até porque, eu acho que a maior resistência é pela questão da insegurança, de tu entrar em sala de aula e não estar preparado”.*

Houve reuniões na escola para debater a Proposta, entretanto, essas reuniões frisavam exclusivamente a implementação da mesma, e não especificamente sobre os seminários. Até hoje acontecem reuniões para se discutir o que está acontecendo no novo sistema politécnico (reunião das áreas de conhecimento), mas ainda não há reuniões para se debater os seminários, o que é constantemente reclamado pelos professores.

Professor C: *“A cada reunião, que está inclusa dentro da nossa carga horária, a cada 15 dias mais ou menos, a gente faz uma reunião por área, onde discutimos o que nós podemos ou não fazer. Dentro dos seminários, a gente vê com os colegas o que pode-se fazer”.*

Mais especificamente sobre a Proposta, os professores acreditam que os eixos temáticos sugeridos por ela, para se trabalhar com os projetos dentro da disciplina de seminários, são muito amplos e dificultam a interdisciplinaridade. Há também uma concepção de que esse novo sistema, imposto pela Proposta, visa aprovação e redução dos índices de reprovação e não a melhoria da aprendizagem como está descrito no documento.

Professor E: *“Os eixos que têm são muito amplos, cada um trabalha de uma forma, tem um tema, daí fica complicado de se chegar até a interdisciplinaridade. Eu acho que deveria ser mais amarrado, porque ainda tá muito solto”.*

Professor A: *“Ao invés de focarem (alunos) na aprovação, eles focam nos recursos que eles têm pra não reprovarem. Até chegar num momento que a escola diz que temos de aprovar o aluno x ou y. Acredito que a proposta tenha como objetivo apenas reduzir os índices de reprovação, não necessariamente com a ideia de promover a educação”.*

Ao analisar as entrevistas fica claro o descontentamento pela falta de padronização sobre como se trabalhar com os seminários. É dito que por não ter algo que normatize o trabalho dentro dos seminários, cada escola acaba fazendo do seu modo, o que dá à disciplina uma característica peculiar da escola, desta forma tirando a unidade de uma formação padronizada na rede estadual. Entretanto, essa é justamente uma das características do documento fornecido pela SEDUC/RS, pois o mesmo diz que o trabalho desenvolvido nestes seminários deve contemplar a situação sociocultural do aluno, ou seja, devem ser levadas em conta as características peculiares à qual a escola está inserida.

Professor A: *“Aqui dentro da escola, nós implementamos de uma forma, mas pode ter sido diferente de uma escola B ou C. Não se tem uma padronização da rede estadual. Por exemplo, aqui nós nos baseamos com o referencial teórico que achamos pertinente, mas pode ser que numa outra escola, que tenha curso técnico, que tenha EJA, esteja sendo feito de outra forma. A interpretação pode ser feita de outras formas. Não foi feita uma padronização pela mantenedora. Não foi mandado alguém pra dizer assim, olha essa dúvida vocês resolvem assim, vai ser dessa forma com esses meios, com essas soluções, não, eles simplesmente passaram para o pessoal do pedagógico a responsabilidade de fazer dar certo”.*

Falando sobre a estruturação da disciplina de seminários, esta escola a denominou de “Seminários Integradores”. A disciplina não foi subdividida e é parte do currículo dos três anos do Ensino Médio. Vários professores, de diferentes áreas, são designados para reger uma mesma disciplina de seminários, dos quais um é selecionado como tutor da turma e é encarregado por organizar o trabalho em parceria com os demais. Tal atitude vai ao encontro do que preconiza a Proposta. Por fim, é importante salientar que existe uma grande rotatividade entre os professores que ministram as disciplinas de seminários e que o sentimento de trabalho em conjunto, de todos, é bastante presente.

Professor E: *“A gente troca bastante de professores que dão a disciplina de Seminários. Conversamos também, os professores, sobre o que a gente está fazendo na disciplina pra pegar algumas ideias e ver se estamos mais ou menos juntos. [...]. Eu fiquei com a disciplina de Seminários Integrados. Mas mesmo não ficando é papel de todos os professores na verdade, mesmo não sendo de Seminários, fazer essa integração entre as disciplinas, dentro dos projetos de pesquisa”.*

Em geral, os entrevistados apontam resultados positivos ao término destes primeiros anos do Ensino Médio Politécnico. Eles observam que os alunos formados à luz deste novo sistema são mais autônomos e articulados. Ainda ressaltam um visível crescimento na maturidade dos alunos ao fazer um comparativo dos projetos desenvolvidos no decorrer deste período.

Professor C: *“Eu acho que houve um crescimento dos alunos, na parte intelectual. Eu acho que teve muito mais resultados positivos do que negativos”.*

Professor A: *“[...] a gente acaba observando que os resultados são bons. Eles já apresentam uma maior desenvoltura para falar, para montar slides, como montar uma bibliografia, etc”.*

Professor E: *“[...] o que dá pra se identificar é que os alunos já estão mais autônomos, já sabem se posicionar para falar, em termos de oratória já melhorou bastante. A questão da escrita, acho que teve algumas contribuições sim”.*

Por fim, cabe elencar algumas ideias que os entrevistados trazem como melhoria para esse Ensino Médio Politécnico. Primeiramente, nota-se uma ideia de que os Seminários Integrados não constituem uma aula, e que a carga horária destinada a ele é muito grande. Essa carga horária poderia ser redistribuída às outras disciplinas, que, na visão destes professores, são mais importantes. Tal importância das demais disciplinas à frente dos seminários dá-se pela falta de interesse que os mesmos observam em seus colegas de profissão, como fica claro nos trechos a seguir:

Professor A: *“Onze períodos no terceiro ano é muito. Podem ser distribuídos entre os professores para dar aula mesmo. E esses períodos estão realmente sendo perdidos. Porque eu sei que tem professores que não fazem nada nos seminários”.*

Professor E: *“De repente a carga horária não precisa ser tão grande, porque às vezes acaba se tornando cansativo”.*

Ainda é dito que, para que essa ideia de deixar o aluno “apto ao mundo do trabalho” dê certo, é necessária uma inserção mais eficaz da escola na indústria, ou seja, uma parceria regulamentada e apoiada por regimentos entre escola-indústria. Outro fator que é citado, ao analisar a fala dos professores, é a necessidade de se mudar a mentalidade do professor, que têm de enxergar essa proposta como uma ideia transformadora.

Professor C: *“Eu acredito na ideia, acredito que seja uma educação transformadora. Acredito também que ela é inovadora, e faz com que os jovens estudem de outra forma. Mas para que esse sistema se mantenha, é necessário que muito profissionais da área, colegas, tenham essa ideia em mente. É transformador, é algo que tem que estar se construindo dia-a-dia, não pode ficar parado, ou seja, tu tens que estar se atualizando sempre”.*

Professor S: *“[...] eu acho que poderia ser melhor, um pouco diferente, eu acho que a gente poderia ter os seminários, mas poderíamos ter portas mais abertas, e aí sim, entrar no mercado de trabalho. Com estágios e tudo mais. Que o aluno desenvolvesse um trabalho aqui, uma pesquisa, e que ele aplicasse isso no mercado. Sei lá, uns 6 ou 7 meses. Mas não vem apoio pra gente poder fazer isso, coloca-lo na frente do mercado de trabalho. Se eles tem contato com as empresas, é por estágios feitos por fora, não vem nada que nos auxilie ou deixe a gente coloca-los num estágio [...]”.*

5.3. RESULTADO DA ANÁLISE

Através da análise feita nos capítulos anteriores concluo que **os Seminários Integrados não estão sendo implementados, nas escolas alvo, de acordo com o que rege a Proposta de Reestruturação do Ensino Médio Politécnico da SEDUC/RS.** Tal afirmação se sustenta a partir dos seguintes tópicos:

- 1- Existe uma falta de embasamento teórico dos professores quanto aos conceitos que regem a Proposta da SEDUC/RS, o que acarreta em insegurança na sala de aula e descontentamento com a Proposta.
- 2- Não existe um consenso sobre o objetivo dos Seminários Integrados, ou seja, o porquê deles estarem inseridos na Escola. A maioria dos entrevistados vê o Seminário Integrado como uma disciplina que deva trabalhar com projetos e só, o que não é

necessariamente o proposto pelo documento da SEDUC/RS⁸.

- 3- A falta de formação continuada para os que trabalham com seminários é vista e reclamada pelos entrevistados, que acham insuficientes as formações já existentes e acreditam que são necessárias formações futuras para cumprir as exigências que versam a Proposta de Reestruturação do Ensino Médio Politécnico.
- 4- A estruturação dos Seminários Integrados, no documento fornecido pela SEDUC/RS, que constitui o elo principal de ligação deste Ensino Médio Politécnico, é muito ampla. Isso acarreta interpretações diversas sobre como inserir tais seminários na Escola, o que também traz um sentimento de insegurança aos professores.
- 5- É notável, em todas as entrevistas, uma revolta muito grande, de professores e coordenadores, quanto à imposição desse sistema politécnico. O que desencadeia uma desmotivação ao desenvolverem os seminários.

Pelos apontamentos feitos acima e pela análise das entrevistas realizadas, muito mais se pode refletir sobre a implementação da Proposta e dos Seminários Integrados. Entretanto, acredito que sintetizei de maneira pertinente tais reflexões nos tópicos descritos acima. Podemos, ainda, comentar algumas possibilidades e conjecturas sobre o futuro de tal Proposta. Apesar das críticas expostas, acredito no potencial de tal implementação e vejo que, com uma criteriosa correção em certos elementos, ela possa cumprir o que propõe. Acredito, também, na potencialidade que os Seminários Integrados podem trazer à sala de aula, vejo que o trabalho dentro dos seminários, se debatidos e estudados com os membros escolares (em especial os professores) pode trazer um ambiente que consiga ligar satisfatoriamente a Formação Geral e a Parte Diversificada que rege a Proposta. Contudo, vale lembrar que esta é uma proposta governamental, e como qualquer outra, está sujeita a drásticas alterações ou até mesmo sua anulação dependendo das trocas de governo, o que, a meu ver, é uma pena, pois como havia dito, acredito em seu potencial.

⁸ Disponível nas referências.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início dessa pesquisa, antes mesmo de estruturá-la, tive medo em encontrar barreiras difíceis de transpor. Tais barreiras apareceram cedo ou tarde, como a busca de referencial ou a escrita. Entretanto encontrei apoio em autores, apresentados à mim por meu orientador, e em amigos, que me ajudaram de maneira muito tranquilo a atravessar esses obstáculos. Autores como Pistrak (1981), Fazenda (1991) e Moura e Barbosa (2006) me ajudaram a compreender conceitos até então desconhecido por mim – *Trabalho como Princípio Educativo, Interdisciplinaridade e Projetos*, respectivamente apresentados a mim pelos autores acima. Acho importante salientar, inclusive, o apoio de teóricos como Ponte (2006) e Yin (2001) para compreender como é estruturado um Estudo de Caso, método que não me era conhecido e, após sua análise, se mostrou ideal para guiar esse meu trabalho.

Desenvolver esse trabalho me trouxe uma experiência nova e estimulante. Buscar referências, resumir ideias, criar questionários, são atividades que nunca antes me deparei de maneira tão intensa. Sem dúvidas o trabalho ao longo de 2 anos no PIBID me deu suporte para fazer essa pesquisa aliado a uma ótima conexão com meu orientador.

Ressalvo, ainda, a excelente recepção que me foi propiciada em ambas as escolas as quais desenvolvi meu trabalho. As duas escolas (Irmão Pedro e Dolores) se mostraram abertas e dispostas a me auxiliar no que fosse necessário. Estendo essa calorosa recepção aos professores e coordenadores que desde o início me apoiaram em todos os aspectos desta pesquisa.

As entrevistas feitas com os membros docentes me foram muito esclarecedoras. Além de apresentarem uma realidade mais pontual da Escola, me mostraram perspectivas diferentes sobre assuntos diversos e isso me fez refletir sobre muitas de minhas crenças. As respostas obtidas nas entrevistas me deram dados suficientes e necessários para responder minha questão sobre os Seminários Integrados. Algumas análises se mostraram negativas, quanto a implementação dos seminários, tais como: a resistência por parte dos professores por acharem a implementação muito impositiva; a avaliação que propicia o relaxamento dos alunos e a falta de apoio, visto pelos entrevistados, da SEDUC/RS para auxiliar nessa implementação. Entretanto, são visíveis, em muitas falas, resultados positivos quanto a implementação dos seminários, como: alunos mais tempo dentro das escolas; maior interatividade entre professores e alunos mais preparados e aptos a realizar uma pesquisa.

Vendo este trabalho concluído, acredito que contemplei minhas expectativas iniciais, respondi satisfatoriamente minhas questões e percebi outras novas ao decorrer desta pesquisa, desta forma abro caminho para desenvolver outros trabalhos com focos diferentes acerca do assunto. Por fim, acredito que a implementação dos Seminários Integrados pode ser muito bem aproveitada se a ideia da Proposta da SEDUC/RS for aceita. Acredito que com o empenho de toda a unidade escolar é possível trabalhar os conceitos descritos no documento de maneira a melhorar o Ensino Médio. Obviamente que correções se fazem necessárias, como com qualquer proposta de reestruturação em sua primeira versão. Acredito que para um melhor aproveitamento da Proposta, deve-se, antes de tudo, ouvir o que os diretamente envolvidos tem a dizer sobre a sala de aula, os professores. Digo isso, pois uma proposta que trate de mudar todo um patamar de ensino, se não for apoiada e suportada pelos agentes que a colocarão em prática, nunca dará certo. Vejo, também, que deve ser dada uma orientação e formação continuada ao longo de todo o processo, pois não se trata de uma mudança pontual muito menos rápida.

Por fim, gostaria de dizer que trabalhar com esse assunto, a Proposta de Reestruturação do Ensino Médio Politécnico, me trouxe grande satisfação. Sou um defensor de sua ideia e da sua implementação, e gostaria (e pretendo) levar esse estudo adiante, para uma pós-graduação. Tal estudo ainda tem muito para ser analisado, interpretado e refletido, como uma análise política da sua implementação por exemplo, ou uma análise sobre seu impacto nos jovens recém egressos desse novo sistema. Enfim, fecho esse trabalho com satisfação de ter estudado um assunto tão motivador para mim e deixo aqui, por fim, um desejo, não muito distante espero, de trabalhar novamente com tal questão sobre diferentes perspectivas.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGONEZ, I.B. Trabalho como princípio educativo na prática pedagógica real. Em AZEVEDO, J.C. e REIS, J.T. **Reestruturação do Ensino Médio**. Editora Moderna, São Paulo - SP, 2013. Disponível em <http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_reestruturacao_ensino_medio.pdf> acesso online em: 13 de maio de 2014.

AZEVEDO, J.C. e REIS, J.T. Democratização do Ensino Médio: a reestruturação curricular no RS. Em AZEVEDO, J.C. e REIS, J.T. **Reestruturação do Ensino Médio**. Editora Moderna, São Paulo - SP, 2013. Disponível em <http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_reestruturacao_ensino_medio.pdf> acesso online em: 13 de maio de 2014.

CACURI, Fabiana. **A Implantação do “Ensino Médio Politécnico” no Rio Grande do Sul: Um Estudo de Caso**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto de Matemática, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

FAZENDA, I.C. **INTERDISCIPLINARIDADE: Um projeto em parceria**. Editora Loyola, São Paulo – SP, 1991.

JARDIM, Fábio. **Estatística no ENEM: Interdisciplinaridade em Foco**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto de Matemática, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

MATTOS, E.B; BASSO, M.V. **Projetos de Aprendizagem: Uma Alternativa aos Desafios Educacionais do Século XXI**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 2., 2011. Ijuí: UNIJUÍ, 2011.

MOURA, D.G. e BARBOSA, E.F. **Trabalhando com Projetos: Planejamento e gestão de projetos educacionais**. Editora Vozes, Petrópolis – RJ, 2006.

PONTE, J. P. **Estudos de caso em educação matemática**. Bolema – Lisboa – vol. 25, p. 2 – 2006.

PISTRAK, Moisey. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. Introdução Maurício Tragtenberg. Tradução Daniel Aarão Reis Filho. Editora Brasiliense S/A. São Paulo – SP, 1981.

SEDUC/RS. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio - 2011-2014**. Porto Alegre, 2011. Disponível em <http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_proposta.pdf>, acesso online em: 13 de maio de 2014.

SEDUC/RS. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Regimento Padrão do Ensino Médio Politécnico**. Porto Alegre, 2011. Disponível em <http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_regim_padrao_em_Politec_I.pdf> e <http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_regim_padrao_em_Politec_II.pdf>, acesso online em: 13 de maio de 2014.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. Trad. Daniel Grassi – 2. Ed. – Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE**APÊNDICE A – Termo de Consentimento Informado.****TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

Eu, _____, R.G. _____, declaro, por meio deste termo, que concordei em participar da pesquisa desenvolvida pelo pesquisador Lucas Balthazar Leite. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é orientada pelo Prof. Dr. Marcus Vinícius de Azevedo Basso, a quem poderei contatar a qualquer momento que julgar necessário, através do telefone (51) 3308 6186.

Tenho ciência de que a minha participação não envolve nenhuma forma de incentivo financeiro, sendo a única finalidade desta participação a contribuição para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) do objetivo estritamente acadêmico do estudo:

- Verificar se os objetivos a serem atingidos, descrito pela Proposta do Governo do Estado do Rio Grande do Sul de 2011, para o Ensino Politécnico, no que diz respeito ao Seminários Integrados, nas escolas estaduais do município de Porto Alegre, condizem com sua implementação.

Fui também esclarecido(a) de que o uso das informações oferecidas será apenas em situações acadêmicas (artigos científicos, palestras, seminários etc.), sem identificação.

A colaboração se fará por meio de uma entrevista áudio-gravada e posteriormente transcrita.

Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida, ou me sinta prejudicado(a), poderei contatar o pesquisador responsável no telefone [REDACTED] ou e-mail [REDACTED].

Porto Alegre, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

Assinatura do Entrevistado

APÊNDICE B – Entrevista com o Professor A.

Nome: A	Data da Entrevista: 13/05/2014
Escola: Dolores Alcaráz Caldas	Função: Prof de Matemática e seminário

- 1) Qual a sua formação acadêmica? Há quanto tempo leciona? E na escola _____?

Eu sou formado desde 2009, entrei na faculdade com 17 anos e dou aula desde os 19. Trabalhei já na escola particular, onde atualmente também trabalho pelo turno da manhã. Vão fazer, agora em julho, 8 anos que eu dou aula. Sempre gostei de estudar isso, gosto muito de ser professor, apesar dos percalços, dos problemas estamos aí. Temos que ver muito o material humano que a gente tem também. Quero dizer, focar os alunos para concursos, vestibular, enfim, direcioná-los para um futuro melhor.

- 2) Sobre o documento disponível pela SEDUC/RS, sobre a reestruturação do Ensino Médio Politécnico, você poderia fazer um breve comentário sobre o documento?

Como tu já deve ter ouvido em outras entrevistas, a proposta foi imposta a nós. Não foi proposto. Ao invés de favorecer o aluno, ou de ajuda-lo a buscar, o que ele acaba vendo é assim, se eu não conseguir alcançar a nota no trimestre, no final do próximo trimestre eu posso recuperar, senão no próximo, e assim sucessivamente. Ao invés de focarem (alunos) na aprovação, eles focam nos recursos que eles têm pra não reprovarem. Até chegar num momento que a escola diz que temos de aprovar o aluno x ou y. Acredito que a proposta tenha como objetivo apenas reduzir os índices de reprovação, não necessariamente com a ideia de promover a educação. Muito também para que o índice de aceitação do governo seja alto. Ou seja, marketing. E não sabemos, ainda, se o governo atual vencer o pleito, irá permanecer com isso, ou se ele vai alterar drasticamente de novo.

- 3) A proposta apresentada pela SEDUC/RS (2011) tem como um dos principais objetos da Educação Básica, formar um cidadão apto ao mundo do trabalho. O que você entende por “apto ao mundo do trabalho”? Você enxergava o aluno recém-egresso do Ensino Médio (anterior à 2011), apto ao mundo do trabalho? E agora (2011 - 2014)?

Eu acho até meio contraditório esse detalhe, porque acaba-se por retirar 1 período de outras disciplinas. Por exemplo, o terceiro ano tem 11 períodos de seminários integrados, que eles poderiam estar tendo redação, literatura, história, geografia, e isso sim, senão prepara para o mercado de trabalho, prepara para prestar qualquer seleção pública, ou para que eles possam prestar um exame vestibular, ou seja, capacita eles para isso. E na verdade o que o mercado de trabalho exige, é o mínimo, e nem esse mínimo, o governo tem nos dado condições para que possamos passar para os alunos. Eles estão focando apenas no trabalho científico, sendo que o básico que eles precisam levar para uma universidade eles não têm. Antes (da proposta) o aluno saia melhor para o mundo do trabalho do que agora. Depende, também, muito do aluno porque pode-se colocar o melhor professor na frente dele, dentro de uma sala de aula, se ele não estuda por interesse próprio, isso não vai capacitá-lo a lugar nenhum. Da mesma forma que, se não for um professor muito bom, mas ele buscar, por meios próprios, o conhecimento, esclarecer suas dúvidas, ele também vai se colocar bem no mercado de trabalho. Mas isso tudo é algo que não nos tem sido proporcionado.

- 4) Como a sua escola recebeu essa nova reestruturação? Foram feitos debates, reuniões e/ou assembleias para que fosse discutido o documento e sua implementação? Se sim, o que foi discutido? Chegaram a um acordo quanto (coordenação e professores)?

Foi passado de uma forma vertical. Por exemplo, vocês têm agora isso, e têm de fazer a partir de agora, isso. Não foi feito um plebiscito. Foi feito dentro da cúpula da SEDUC, presumo eu, em conchavo com o governo, e imposto. É uma forma, digamos, ditatorial. Aqui dentro da escola, nós implementamos de uma forma, mas pode ter sido diferente de uma escola B ou C. Não se tem uma padronização da rede estadual. Por exemplo, aqui nós nos baseamos com o referencial teórico que achamos pertinente, mas pode ser que numa outra escola, que tenha curso técnico, que tenha EJA, esteja sendo feito de

outra forma. A interpretação pode ser feita de outras formas. Não foi feita uma padronização pela mantenedora. Não foi mandado alguém pra dizer assim, olha essa dúvida vocês resolvem assim, vai ser dessa forma com esses meios, com essas soluções, não, eles simplesmente passaram para o pessoal do pedagógico a responsabilidade de fazer dar certo.

- 5) Como é trabalhado o componente curricular “Seminário Integrador” na escola? São feitos Projetos? Como? Qual o seu papel nessa questão?

A gente divide os alunos em grupo, e eles propõem um assunto. Nós filtramos, vemos se é um assunto pertinente ou não, se não for a gente manda de volta, dizemos que não está pertinente, que a justificativa não está plausível, ou os métodos não estão plausíveis, e por meio dessa filtragem inicial a gente faz visitas, entrevistas, a gente monta tabelas, por exemplo se o professor de matemática está dentro dos seminários integrados, ele auxilia os alunos nesse quesito, ele (aluno) tabula todas as informações que foram colhidas. Tudo isso feito via projetos.

E como é separado o Seminário Integrador aqui na escola? É uma disciplina? Mais de uma? Denomina-se por projetos?

É seminário integrado como um todo. Da mesma forma que não foi dado um parâmetro, uma linha de raciocínio para seguir, o seminário foi dado. Vocês têm de fazer isso e deu, não foi explicado como. Daí tem escolas que seguem de uma maneira, com outro raciocínio, tem umas que deixam mais amplo para que os alunos escolham, porque, se é uma coisa imposta por nós eles não fazem porque não gostaram do tema. Então, é uma coisa que eles estão querendo saber, mas que também tenha certa relevância, para que eles façam a pesquisa. Para que eles montem slides. Montam vídeos.

E como que vocês fazem esses projetos?

As normas para a entrega do projeto escrito e do projeto apresentado são pelas normas da ABNT. Mas isso não porque tem no documento (SEDUC), não pelo que eu me lembro. Foi uma opção nossa. Para que eles tenham o hábito, para quando terminarem o ensino médio, os que têm interesse de entrar numa faculdade, tenham pelo menos esse contato inicial, já sabendo o que tem que fazer.

Quem é o responsável pela disciplina de seminários? Há rodízio de professores? Como é distribuída a disciplina?

Até onde eu sei, eles pegam os professores que têm interesse (de ministrar a disciplina), e também aqueles que têm uma carga horária maior e não estão com ela fechada. Daí que é passada a questão dos seminários. O professor, então, fica o ano todo com a disciplina, e há contato entre os professores das disciplinas de seminário, até porque na hora de fechar o conceito, a gente senta em grupo e analisamos aluno por aluno. Isso tudo na disciplina de seminário. Por exemplo, se for eu o de matemática, e por exemplo, a professora de português, ela passa a questão das normas, o abstract, para integrar os professores da área de linguagem, de inglês e espanhol.

Quer dizer que não é somente um professor de seminário por turma?

Não. No caso, por exemplo, da minha mãe, que trabalha numa outra escola, ela é a única sim, ou seja, ela tem todos os períodos com aquela turma. O que eu acho acaba empobrecendo um pouco as coisas, porque eu acho que deveria ter o contado com os demais professores. Comigo, por exemplo, eles têm respeito, mas com o professor x eles não têm, então eles acabam não fazendo, eles não trazem material, eles não querem produzir. Há então essa divergência. Por isso é interessante o contato com os demais professores. E a gente sempre faz isso no final do semestre, de se sentar e analisar isso também. O grande problema, assim como algumas disciplinas do currículo, ela não reprova. E o aluno sabe disso. Ele já vai com aquele intuito de que não precisa fazer nada. Ele vai com aquela ideia de que se me reprovarem eu vou na SEC, reclamo, e a SEC vai mandar me aprovar e pronto.

- 6) O que você entende por interdisciplinaridade? Você acredita que durante os primeiros anos dessa nova implementação, houve interdisciplinaridade?

Sim. Enxergo sim isso na escola sim. Por exemplo, eles (alunos) querem fazer um trabalho sobre a história do Internacional, eles montam um questionário pertinente à história do Inter, à fundação e outras coisas, quem sabe quem não sabe, respostas mais dinâmicas. Sim, não ou talvez. A questão das normas cultas do trabalho, pega-se o professor de português, concordância nominal, concordância verbal, etc. Eles, daí, querem fazer um folheto pra entregar, dá pra fazer, o abstract, eles fazem com o professor de inglês, ou seja, já integra o inglês. Vê-se também o contexto histórico. Por exemplo, em que estado estava o Estado do RS na época da fundação do time. O professor de matemática, pega os dados coletados e monta uma tabela por exemplo. A questão geográfica também, onde foi construído. Qual era a geografia da cidade na época. Temos, então, toda essa articulação entre as disciplinas. E as vezes tu acaba transitando em uma área que não é o teu forte, daí tu chega pro teu colega profissional de área e pergunta se ele pode te ajudar. Essa parte é muito boa, tem essa articulação entre os professores, e entre as áreas também.

- 7) Você identifica resultados obtidos pela proposta nesses 3 anos desde seu início? Quais?

Sim. O pessoal do terceiro ano, que pegou desde o início os seminários, têm apresentado trabalhos muito bons. O pessoal que está saindo da oitava série e entrando no ensino médio, é uma coisa nova. E o pessoal do segundo ano já esta se acostumando com a ideia. Nós, como não temos um embasamento teórico muito forte, fica difícil passar isso para eles. Normalmente a pessoa que é abordada por algo novo, se sente um pouco acuada, ou seja, vários professores te avaliando em uma disciplina. Mas a gente acaba observando que os resultados são bons. Eles já apresentam uma maior desenvoltura para falar, para montar slides, como montar uma bibliografia, etc. Não sei quantos vão querer prestar vestibular, mas lá dentro a cobrança vai ser a mesma e eles já terão uma certa prática. Eu acredito, também, que seria melhor que essa proposta fosse feita no contra turno. Porque daí não tiraria períodos de outras disciplinas, que também são importantes, e

assim dar a essas disciplinas mais períodos para se trabalhar os conteúdos específicos. Mas isso também acarretaria um grande insatisfação tanto por parte dos alunos quanto por parte dos professores que teriam de vir no contra turno, ou até porque a escola não oferece um espaço específico para isso.

E a questão da politecnicidade? Você enxerga o aluno que sai do Ensino Médio, agora, politécnico?

Não, porque o mercado de trabalho, hoje em dia, exige o mínimo, e o mínimo não está sendo alcançado aqui. Por exemplo, eles não vão sair aqui e ir para um cargo administrativo como gerente, ou seja, eles não vão pegar um cargo de chefia de cara. Eles vão começar por baixo, e isso exige o mínimo, não exige querer saber de matrizes, não exige saber sobre a revolução russa, não exige a geografia do Brasil. E se nem o mínimo nos é dado para que possamos (professores) passar para eles, para que dar carne pra quem nem aprendeu a comer, a gente tem que dar o básico bem dado. Que daí sim eles saem daqui bem preparados. Tem que dar bem o básico, não adianta pensar em coisas mirabolantes pra quando ele sair da escola se ele está saindo sem o básico, quando esse aluno entrar na faculdade ele vai levar bomba.

- 8) Depois de transcorridos os primeiros anos dessa implementação, você é a favor de sua continuidade? Por quê?

Seria interessante que fosse explorado essa ideia de pesquisa, mas que não se desse tanta ênfase. Onze períodos no terceiro ano é muito. Podem ser distribuídos entre os professores para dar aula mesmo. E esses períodos estão realmente sendo perdidos. Porque eu sei que tem professores que não fazem nada nos seminários. Padroniza, por exemplo, 4 períodos a cada ano, e dá a disciplina pra quem quer realmente trabalhar com isso com eles. A insatisfação com a Proposta é muito grande, eu acho que se houver uma troca de governo, é provável que haja mudanças sim no Ensino Médio.

APÊNDICE C – Entrevista com o Professor E.

Nome: E	Data da Entrevista: 14/04/2014
Escola: Dolores Alcaráz Caldas	Função: Prof ^ª . de Matemática e seminário

- 1) Qual a sua formação acadêmica? Há quanto tempo leciona? E na escola Dolores Alcaráz Caldas?

Eu tenho 22 anos de serviço e trabalho há 4 anos aqui na escola (Dolores Alcaz Caldras). E minha formação, sou formada, além do Ensino médio, em magistério, que antigamente era dito normal. Tenho formação em Matemática, formação em pedagogia também, e possuo um pós em supervisão, orientação e administração escolar.

- 2) Sobre o documento disponível pela SEDUC/RS, sobre a reestruturação do Ensino Médio Politécnico, você poderia fazer um breve comentário sobre o documento?

O documento escrito está bom, a proposta, porém eu acho que a forma como foi aplicado não foi legal, devia ter sido feito um piloto ou algo assim para experimentar, e outra coisa, a questão da formação deixou muito a desejar. Simplesmente veio para a escola (o documento) e as formações foram acontecendo depois que já se estava sendo trabalhado, e essa deveria ser a primeira preocupação da Secretaria, instruir os professores para trabalhar com os Seminários Integrados, não ao longo, talvez sim, mas principalmente antes. Muito professores entravam em sala de aula, não sabendo muito bem o que deveria ser feito.

- 3) A proposta apresentada pela SEDUC/RS (2011) tem como um dos principais objetos da Educação Básica, formar um cidadão apto ao mundo do trabalho. O que você entende por “apto ao mundo do trabalho”? Você enxergava o aluno recém-egresso do Ensino Médio (anterior à 2011), apto ao mundo do trabalho? E agora (2011 - 2014)?

Eu acho que seria o aluno apto a qualquer trabalho que ele quiser seguir adiante, apto a trabalhar, que ele tivesse condições de exercer qualquer uma atividade. Mas vendo pela proposta não é bem o que acontece. Eu acho que os alunos são saem da escola aptos ao mundo do trabalho, nem antes da proposta, nem depois.

Ou seja, no final das contas essa nova Proposta acaba por não preparar o aluno ao mundo do trabalho?

Não prepara não. Talvez ela dê até um subsidio a mais, mas ainda não chegamos no que é a proposta.

- 4) Como a sua escola recebeu essa nova reestruturação? Foram feitos debates, reuniões e/ou assembleias para que fosse discutido o documento e sua implementação? Se sim, o que foi discutido? Chegaram a um acordo quanto (coordenação e professores)?

Bem, a parte inicial, o primeiro ano, quando foi aplicado eu ainda não trabalhava com o Ensino Médio. Pelo que eu ouvi falar, foi estudado o documento sim, em reunião, foi debatido e me parece que teve uma formação sobre isso.

E os professores, eles aceitaram bem a Proposta?

Não. Eles (professores) foram bastante resistentes, mas como é algo que tu tem que fazer. A resistência é muito grande até hoje, até porque quem dá Seminários é que tem sobra na carga horária, ou quem quer, mas tem disciplinas que são obrigadas a dar os Seminários, é algo tipo imposto assim por dizer. Isso gera bastante resistência até porque, eu acho que a maior resistência é pela questão da insegurança, de tu entrar em sala de aula e não estar preparado.

- 5) O que a escola faz atualmente para acompanhar a evolução dessa implementação? Reuniões? Debates? Trocas entre professores? Seminários? Cursos de formação

continuada?

A gente troca bastante de professores que dão a disciplina de Seminários. Conversamos também, os professores, sobre o que a gente está fazendo na disciplina pra pegar algumas ideias e ver se estamos mais ou menos juntos. Coisas assim.

6) Qual o seu papel nessa nova reestruturação do Ensino Médio?

Eu fiquei com a disciplina de Seminários Integrados. Mas mesmo não ficando é papel de todos os professores na verdade, mesmo não sendo de Seminários, fazer essa integração entre as disciplinas, dentro dos projetos de pesquisa.

7) O que você entende por interdisciplinaridade? Você acredita que durante os primeiros anos dessa nova implementação, houve interdisciplinaridade?

Eu acho que ficou muito a desejar. Porque a interdisciplinaridade é na verdade todas as disciplinas trabalhando em prol daquele conteúdo, daquele projeto que vem se desenvolvendo, contribuindo de alguma forma com o seu conteúdo. Isso eu acho que ainda está longe da gente conseguir. Algumas disciplinas até conseguem, mas o que era pra ser o interdisciplinar era se todas conseguissem.

Então dentro dos Seminários Integrados tu não vê a interdisciplinaridade?

Eu até acho que tem. Mas não do jeito que deveria ser.

8) Você identifica resultados obtidos pela proposta nesses 3 anos desde seu início? Quais?

Olha, o que dá pra se identificar é que os alunos já estão mais autônomos, já sabem se posicionar para falar, em termos de oratória já melhorou bastante. A questão da escrita, acho que teve algumas contribuições sim.

Em termos de autonomia houve uma melhora então?

Acho que sim. Os alunos agora já conseguem caminhar sozinhos um pouco mais. Por outro lado ainda há bastante resistência dos alunos. Porque eles mesmos não veem significado nas disciplinas. A gente tem que trabalhar bastante nessa questão e bem burocrática até para eles entenderem realmente o que é e para que serve.

- 9) Depois de transcorridos os primeiros anos dessa implementação, você é a favor de sua continuidade? Por quê?

Sinceramente, eu acho que até poderia continuar, mas de outra forma.

E como seria uma outra forma?

Que os Seminários pudessem de fato fazer uma interligação com as disciplinas, que houvesse um momento para isso.

Tu acha que os Seminários Integrados, só como uma disciplina, não contribui para isso?

Não supre não. Até porque, outra coisa que se poderia trocar, se houvesse assim alguns eixos temáticos para se trabalhar, mais direcionados, porque assim tá meio solto. Os eixos que têm são muito amplos, cada um trabalha de uma forma, tem um tema, daí fica complicado de se chegar até a interdisciplinaridade. Eu acho que deveria ser mais amarrado, porque ainda tá muito solto. De repente a carga horária não precisa ser tão grande, porque às vezes acaba se tornando cansativo. Os alunos dizem que já fizeram, eles tentam nos enrolar. Se tu direcionasse um projeto que tivesse um tema em comum e bem definido com os eixos temáticos, seria muito mais fácil de se trabalhar. Na verdade

a Proposta versa isso, mas a gente ainda tá longe de chegar aí. Até porque as pessoas que trabalham com os Seminários pensam cada um de uma forma, nem todos tem uma formação mais pedagógica, como eu tenho. Eu penso de uma forma, mas nem todos pensam assim. Eu já penso mais numa questão de unir tudo, da união de todos em prol do mesmo objetivo. É muito difícil desencadear trabalhos com pessoas com a visão muito diferente da tua e com temas diferentes. Não é impossível, mas leva muito tempo.

APÊNDICE D – Entrevista com o Professor S.

Nome: S	Data da Entrevista: 16/05/2014
Escola: Dolores Alcaráz Caldas	Função: Vice-Diretora

- 1) Qual a sua formação acadêmica? Há quanto tempo leciona? E na escola _____?

Sou formada em educação física e fiz pedagogia. Primeiro fiz educação física e depois a pedagogia. Estou aqui no Dolores a 22 anos. Aqui dentro eu já trabalhei muito tempo na supervisão escolar, depois eu fui professora de artes, porque eu sou artesã, sempre gostei muito disso, e depois, há 1 ano e meio, me convidaram pra fazer parte da equipe diretiva, na vice direção da manhã. Continuo dando aula à tarde, de artes.

- 2) Por que vias chegou até vocês a nova Proposta de implementação para o Ensino Médio Politécnico?

Disso eu não me inteirei muito. Quando eu estava na supervisão, eu ajudei na implementação do Ensino Médio na escola, mas era aquele ensino médio tradicional, com as disciplinas e não por área. Eu era, na época, professora de artes até a oitava série, então eu nunca trabalhei com o ensino médio. Para não dizer que eu nunca trabalhei com o ensino médio, durante meio ano faltou o professor de cidadania, daí eu atendi a essas turmas. Agora aula, assim, de março a dezembro, eu nunca peguei. Então eu nunca participei de todo o processo. De como começou essa nova proposta do ensino médio politécnico. Quando eu vim pra vice direção, daí sim, eu comecei a me atualizar, porque eu precisava disso. Então eu fui lendo a proposta. Mas é bem diferente, quando tu pega a proposta depois, até porque ela já estava funcionando, eu já sabia que estava em andamento os seminários, mas nunca tinha participado.

- 3) Foi fornecido algum auxílio pela SEDUC para ajudar tal implementação? Tais como orientações de membros da SEDUC/RS; Palestras; Encontros.

Aí eu não saberia como te responder. Porque eu não participei. Se teve, eu não participei. A formação continuada existiu. Mas ela existe para todos nós (professores),

tanto do fundamental quanto do médio. Se veio palestrante eu não sei se veio. A formação continuada não era específica para os seminários.

- 4) A proposta apresentada pela SEDUC/RS (2011) tem como um dos principais objetos da Educação Básica, formar um cidadão apto ao mundo do trabalho. O que você entende por “apto ao mundo do trabalho”? Você enxergava o aluno recém-egresso do Ensino Médio (anterior à 2011), apto ao mundo do trabalho? E agora (2011 - 2014)?

Eu não sei se os seminários preparam o jovem para o mundo do trabalho. Eu até vejo que ele bate muito, sempre falo isso para meus alunos da manhã, que ele prepara muito para a vida acadêmica. Por que acho assim ó, se fosse para o mundo do trabalho, a gente deveria ter cursos técnicos, entende. Eu tenho uma formação técnica, no IPA, e na época a gente tinha tipo uma especialização que a gente fazia, então eu tenho um certificado, de 3 anos, de auxiliar de recreação. E eu lembro que na época, auxiliar de recreação, informática, secretariado, que tu fazia paralelo com a escola, com o ensino científico, como era chamado na época. E por conta disso, logo que eu sai da escola eu já arrumei um emprego, pra trabalhar com recreação, porque eu tinha esse curso. Se fosse com essa ideia (arrumar um emprego logo após a sua conclusão), não deveria ter o seminário integrado. O que eu vejo do seminário integrado que eu acho muito bom, a gente prepara o aluno para que quando ele chegar nesse meio acadêmico, ele tem que desenvolver uma proposta de pesquisa. A gente que já passou por isso, sabe que é complicado ir lá na frente e apresentar alguma coisa, e eu acho que o seminário dá muito isso. No seminário, tu faz a pesquisa, faz o desenvolvimento e depois uma aplicação, até uma exposição que tu tens que te submeter. E se expor, pra mim isso eu acho que é o mais difícil de conseguir, porque ele tem muita vergonha, eles não querem ir la pra frente, ele ficam implorando que seja de outra forma que não a apresentação. Mas a gente sabe que no meio acadêmico, qualquer coisa que tenha de se fazer, num mestrado ou num doutorado, tem a banca, e tu é avaliado assim. O que eu acho que tem muito diferente hoje, em relação a antes da proposta, que não se tinha tanto naquela época, são esses estágios que tem agora. O que acontece com a maioria dos alunos, eles estudam de manhã e fazem um estágio a tarde. Mas isso também não tem nada a ver com a proposta, mas acaba deixando ele mais preparado para o mercado de trabalho. Porque ele teve essa experiência quando guri. O que eu vejo dos seminários, que ele te

capacita mais, porque a gente tem alunos que fazem trabalhos mais, dentro dos seminários, elaborados, eles vão mais a fundo. Nós tivemos um grupo no ano passado, muito legal, que trabalharam com as crianças no hospital conceição. Aí sim, eles desenvolvem um projeto onde entraram no hospital, conheceram a rotina de lá. Aí sim, tu consegue visualizar como é o mercado de trabalho. Porque eles viram de frente como é o trabalho lá.

5) Quais foram as ações de pré-implementação adotadas pela escola?

Pelas informações que eu tenho, não chegou nada pra auxiliar antes a proposta. Eu fiquei muito na supervisão, então eu sempre fiz parte da equipe, mesmo não sendo da equipe diretiva na época, eu sempre ajudava muito. Uma das coisas que eu me lembro, é que foi uma proposta que chegou. Mas quando ela chegou, já chegou pronta. Que inclusive foi uma das reivindicações das gurias (equipe diretiva), elas questionavam isso, que a coisa já chegou pronta. Ela (proposta) não foi discutida pelas bases. Ela não foi consultada com os diretamente envolvidos.

6) Qual foi a metodologia adotada para tratar dos Seminários Integradores? Se foi via Projetos, como são trabalhados? Quais referenciais utilizados?

Depende. A gente tem vários professores de seminários, então cada professor foca numa área, um fica com a parte mais teórica, outro com a aplicação e outro com os dados, eles mesmos se organizam. Geralmente, tem a parte teórica, onde ele estuda o que ele (aluno) quer trabalhar, depois eles fazem todo o desenvolvimento e tudo mais. Detende muito também do tema do projeto. É sempre feito em torno de um tema. Eles escolhem um tema e então eles fazem a projeção. E esse tema pode ser bem variado. A gente não estipula assim tem que ser na área tal. Mas esse tem de envolver todas as áreas.

E como os professores se basearam para fazer esses projetos?

Os professores de seminário se reúnem, e dividem as coisas, para não acabar sendo repetitivos, e depois fazem um fechamento. Os professores buscam muito o referencial. Isso é uma exigência do trabalho.

7) Passados três anos da implementação da Proposta, quais resultados podem ser constatados?

O positivo é que tipo assim, se tu pegar o primeiro trabalho deles e olhar o último, não tem nem comparação. Eles aprenderam um pouco e nós também aprendemos com eles. A gente não ficou estagnado. Cada ano a gente tentou melhorar. E estamos vendo o resultado agora. Tu vê que os alunos pensam mais na universidade ou no mercado de trabalho. A maturidade no trabalho é diferente, tu vê que eles já fazem um trabalho mais completo. A gente já notou a diferença dum ano pro outro. Como negativo, a gente vê que tem grupos que assim, não se aprofundam muito no assunto, que fazem o trabalho de qualquer jeito, vão lá apresentam e acham que tá bom assim mesmo.

E quanto a interdisciplinaridade? Tu enxerga uma melhora nesse aspecto?

Eu vejo que sim. A gente tem três professores por turma como coordenadores, que são os professores que dão as aulas na disciplina de seminário. Mas todos os outros ajudam. Tanto é que temos o conselho de classe de todas as áreas, onde eles tem de ter um instrumento de avaliação de todas as áreas. Mas depende muito dos alunos também.

8) Depois de transcorridos os primeiros anos dessa implementação, você é a favor de sua continuidade? Por quê?

Eu até acho que agora o ensino está melhor. O pessoal fala que agora vai mudar o governo e vai mudar tudo. Eu até não duvido que isso aconteça. O que é uma pena. Mas eu acho que poderia ser melhor, um pouco diferente, eu acho que a gente poderia ter os seminários, mas poderíamos ter portas mais abertas, e aí sim, entrar no mercado de

trabalho. Com estágios e tudo mais. Que o aluno desenvolvesse um trabalho aqui, uma pesquisa, e que ele aplicasse isso no mercado. Sei lá, uns 6 ou 7 meses. Mas não vem apoio pra gente poder fazer isso, coloca-lo na frente do mercado de trabalho. Se eles tem contanto com as empresas, é por estágios feitos por fora, não vem nada que nos auxilie ou deixe a gente coloca-los num estágio por exemplo, do tipo, abriram as portas de uma empresa pra eles trabalharem junto com os seminários.

APÊNDICE E – Entrevista com o Professor R.

Nome: R	Data da Entrevista: 06/06/2014
Escola: Irmão Pedro	Função: Vice-Diretora

- 1) Qual a sua formação acadêmica? Há quanto tempo leciona? E na escola _____?

Eu sou formada em historia, e leciono, aqui na escola desde 2001. Fiz em meados de 2009 uma pós de gestão. Entrei na coordenação pedagógica em 2010, onde estou ate agora.

- 2) Por que vias chegou até vocês a nova Proposta de implementação para o Ensino Médio Politécnico?

Assim, a proposta, com esses esquemas de reestruturação de grade horária e tudo mais, veio em 2012. Porque em 2011 foi meio que uma preparação para a implementação. A gente recebeu a proposta da secretaria de educação, e ela foi imposta a nós. Nós até tivemos reuniões para debatê-la, mas foram todas elas feitas após a proposta já pronta, ou seja, a gente não teve voz nenhuma para ajudar a construí-la. Em termos de implantar ela, o que a gente fez, nós, da coordenação pedagógica e a equipe diretiva, sentamos e analisamos a proposta, para então repassa-la aos professores. Ela (proposta) veio muito assim: “a ideia é essa, mas não sabemos como fazer, se virem”. Então para não ser muito impactante para o grupo de professores, nós fomos implementando ela aos poucos, até porque, só o esquema da nova grade horária já era bem diferente, mais períodos e a nova disciplina de seminários. Então, já no primeiro ano dela, a gente colocou os novos horários em vigor, mas continuamos com notas, a gente só implementou essa nova ideia de conceitos no ano seguinte. Os professores em geral, aqui na escola, são muito contestadores, e a proposta não foi muito bem aceita, mas acho que isso é normal com qualquer coisa que mude muito as coisas. O que eu acho que foi bem complicado é que não foi dado nenhum meio de como fazer a proposta acontecer de fato, cada escola fez de um jeito, e a ideia de politecnia que a proposta versa também, não é

bem certa, o conceito de politecnia que eles trazem é a de um aluno especialista em tudo, o que de fato não é essa a ideia do conceito.

- 3) Foi fornecido algum auxílio pela SEDUC para ajudar tal implementação? Tais como orientações de membros da SEDUC/RS; Palestras; Encontros.

Olha, todas as reuniões a que fomos chamados para participar foram após a proposta já feita. A única reunião que tivemos com a SEDUC antes foi a apresentação da proposta, mas já pronta, não tivemos interferência em nada. Isso é uma das reclamações que foi muito batida, a gente não teve participação ativa dessa proposta e ainda por cima, temos que fazer ela acontecer sem ajuda nenhuma. Nesses anos, foram feitos grandes investimentos em formação continuada sim, tiveram vários cursos, bolsa e mais coisas, algumas produtivas, outras não. Mas não tivemos nada específico para os seminários.

- 4) A proposta apresentada pela SEDUC/RS (2011) tem como um dos principais objetos da Educação Básica, formar um cidadão apto ao mundo do trabalho. O que você entende por “apto ao mundo do trabalho”? Você enxergava o aluno recém-egresso do Ensino Médio (anterior à 2011), apto ao mundo do trabalho? E agora (2011 - 2014)?

Isso não é coisa nova, essa ideia de deixar o aluno apto ao mundo do trabalho existe há muito tempo, antes, em 1991, já se tinha essa ideia. Eu acredito que o aluno sair apto ao mundo do trabalho, é dar ao aluno ferramentas para que ele possa escolher os caminhos que deseja trilhar, não só um emprego, mas todos os tipos de trajetões, seja profissional ou acadêmico, acho que é ajudá-lo e prepará-lo para enfrentar o mundo, e isso, a meu ver, sempre foi um dos objetivos principais da escola. Eu não vejo o aluno muito melhor preparado para o mundo com essa nova proposta, pelo contrário, pois, principalmente pela avaliação que foi imposta, o aluno sai mais despreparado, sem uma base forte dos conteúdos específicos e sem formação básica de qualidade. Acho que o que acarretou isso foi essa avaliação que veio. A ideia é muito bonita, avaliação emancipatória e tal. Mas ela dá muitas brechas para o aluno, que sempre tem a possibilidade de resgatar o conteúdo, e muitas vezes acaba ficando relaxado com isso, sem contar que essa ideia de

avaliação por conceitos menospreza por completo aquele aluno que gosta de ir além, pois ela acaba solapando todo mundo lá em baixo, em aprovado e reprovado, não dando recompensa nenhuma para aquele aluno que se esforçou mais. Me parece muito uma proposta que visa a aprovação e não a qualidade do ensino.

E em termos de interdisciplinaridade? Você consegue enxergar isso na proposta? E nos seminários?

Olha, eu vejo que a interdisciplinaridade, que é o trabalho em conjunto de todos, ou das diferentes disciplinas, é uma premissa inerente a educação. Todo professor deve buscar isso, e ela sempre esteve presente na sala de aula, é uma ideia que compramos, independentemente das propostas governamentais. O seminário é apenas mais uma ferramenta para se trabalhar isso. Dentro dele (seminário), aqui na escola, a interdisciplinaridade acontece dependendo muito do professor que rege a disciplina mas, pela própria experiência, quanto mais aberto forem os seminários, menos deles se aproveita, quanto mais restrito a um professor, mais rico sai o trabalho. A interdisciplinaridade ocorre quando, por exemplo, um grupo está pesquisando sobre nutrição, daí o professor regente da disciplina diz pra eles conversarem com o professor tal sobre o assunto para ter uma luz. Mas como eu disse depende muito do professor e da parceria deles, a gente (coordenação) não se mete muito nisso.

5) Quais foram as ações de pré-implementação adotadas pela escola?

A gente tem reuniões toda a semana, com a coordenação. E dentro das reuniões, a gente conversava muito sobre como estruturá-la e implementá-la, porque nada disso foi no passado, tanto é como eu já havia dito, cada escola fez de um jeito, de acordo com o que entendeu, isso dá até uma certa característica peculiar à escola, pois cada escola aplica a proposta de acordo com suas características, mas também acaba tirando a unidade, ou seja, não há um padrão no ensino médio para isso.

6) A proposta foi debatida com os demais membros escolares? De que forma? Houve

acordo entre a coordenação pedagógica e professores?

A gente conversou muito sobre a proposta, mas assim como chegou pra nos, foi imposta e não discutida, foi implementada, mesmo que de maneira gradativa, e pronto. Isso acabou gerando muitas represálias pelos professores. Eles não aceitaram muito bem a proposta não, mas também não tinham muito que fazer, pois assim como ela chegou pra nos, acabou chegando a eles.

- 7) Qual foi a metodologia adotada para tratar dos Seminários Integradores? Se foi via Projetos, como são trabalhados? Quais referenciais utilizados?

A metodologia depende muito do professor. Em geral, trabalha-se com projetos sim, mas se o professor quiser fazer um passeio de campo, ou convidar alguém para uma palestra, a escola ajuda nisso, esse ano tivemos palestrantes que vieram aqui para falar de temas diversos.

- 8) Passados três anos da implementação da Proposta, quais resultados podem ser constatados?

Bem, tiveram bons e maus resultados. Eu acho que o de melhor que posso pensar, foi o fato dos alunos passarem mais tempo na escola, o aumento de horário na grade curricular quero dizer, porque a meu ver, enquanto esse jovem está na escola, ele está fora das ruas, e isso, independentemente da proposta que for, é uma coisa boa. Também acho que os nossos alunos estão mais preparados para uma escrita científica, falando um pouco mais especificamente sobre os seminários, e isso vai ser útil para os que quiserem seguir uma vida acadêmica. De ruim, principalmente, a avaliação, que aumentou a procrastinação do aluno, ele sempre pode ter outra oportunidade para reaver a nota que não foi alcançada, e notamos que os alunos que estão saindo agora do ensino médio, por conta disso, muito mais relaxado, muito mais acomodado e preguiçoso.

- 9) Depois de transcorridos os primeiros anos dessa implementação, você é a favor de sua

continuidade? Por quê?

Eu acho que tudo o que é de bom da proposta pode ser aproveitado, e o que foi ruim revisto, isso com qualquer proposta que seja. Eu acho que ela pode ser muito melhor se revistos certos fatores, como o da avaliação, por exemplo, e também se houvesse maior participação dos membros docentes em sua estruturação. Mas eu acredito que se houver uma troca de governo essa proposta vai ser revista, mas provavelmente terá uma revisão puramente política, o que, a meu ver, não trará melhoras significativas nenhuma.

APÊNDICE F – Entrevista com o Professor D.

Nome: D	Data da Entrevista: 06/06/2014
Escola: Irmão Pedro	Função: Prof de Física e seminário

1) Qual a sua formação acadêmica? Há quanto tempo leciona? E na escola _____?

Eu me formei na PUCRS, em 2001. Leciono desde 1999. Fiz um mestrado profissional em ensino de física na UFRGS, e findei ele em 2006. Trabalhei, desde que me formei, no Instituto de Educação, por 7 anos consecutivos. Fiquei 2 anos no Colégio Oscar Pereira, pedi para sair da escola depois por problema de insegurança. É um colégio dentro da vila, num ponto que era disputado por duas facções de traficantes, e por conta disso, por mais de uma vez, presenciei tiroteios, e pedi então para sair do colégio. Vim pra cá (Irmão Pedro) e já estou aqui há 3 anos.

2) Sobre o documento disponível pela SEDUC/RS, sobre a reestruturação do Ensino Médio Politécnico, você poderia fazer um breve comentário sobre o documento?

A primeira coisa que eu acho importante salientar é que esse sistema politécnico não foi discutido, ele foi simplesmente imposto pelo atual governo sobre os colégios do Estado. Eles (governo) mentem que foi feita uma ampla discussão, eu participei como representante de colégios nessas discussões, e o que era dito para a gente era simplesmente “assinem”, e era isso. Todas as críticas que nós tínhamos, eu fiz várias críticas bem contundentes, foram completamente ignoradas, nenhuma das críticas foi ouvida. Até mesmo os elogios que foram feitos não foram ouvidos. Simplesmente, do jeito que eles fizeram era o que era pra ser. Isso ao longo desses 3 anos. Na verdade desde antes já era assim, quando eles ainda fingiam fazer as discussões da proposta, isso 1 ano antes, lá em 2011, quando eles fingiam estar fazendo a plenária dessas discussões, já acontecia. O que se confirmou quando eles oficialmente implantaram o politécnico, eles mandaram um documento, que chamam de minuta, para o colégio, e esta tal minuta

é na verdade o regimento do colégio. Tudo o que o colégio pôde fazer foi simplesmente trocar a capa, nada, além disso, foi permitido.

- 3) A proposta apresentada pela SEDUC/RS (2011) tem como um dos principais objetos da Educação Básica, formar um cidadão apto ao mundo do trabalho. O que você entende por “apto ao mundo do trabalho”? Você enxergava o aluno recém-egresso do Ensino Médio (anterior à 2011), apto ao mundo do trabalho? E agora (2011 - 2014)?

Quanto à preparação para o mundo do trabalho, a proposta não preconiza a preparação para o mundo do trabalho. Isso aparece várias vezes no texto sim, mas as ferramentas que eles dão para isso não existem. Não acontecem. O que eu vejo acontecer é que eles (governo) estão simplesmente mexendo no Ensino Médio, não sei te dizer com qual intuito verdadeiro, de tal forma que tira toda e qualquer autoridade que ainda restava ao professor, à escola e dá aos alunos o direito de tentar fazer aquilo que eles querem. A proposta veio sem nenhum embasamento teórico, não existe nenhum autor que justifique qualquer coisa que está dita ali, e ela é tão aberta, mas tão aberta, que dá margem à qualquer interpretação. O que tu quiseres dizer dela tu diz. Porque ela não proíbe nada, não limita nada. Tu faz tudo que tu quiser.

E quanto a interdisciplinaridade? Tu enxerga isso ocorrendo agora com essa proposta?

Da forma como nós, dentro da Escola Irmão Pedro, estamos trabalhando, sim. Existe sim a questão interdisciplinar. Em alguns momentos chega até a ser transdisciplinar, mas não é transdisciplinar de verdade. Porque nós montamos os seminários do primeiro ao terceiro ano enfocando a pesquisa acadêmica, a pesquisa científica. No primeiro ano, ela não é trans nem interdisciplinar. Ela é (no primeiro ano) uma disciplina teórica, que prepara o aluno para ter as habilidades necessárias para então desenvolver uma pesquisa científica. Eles aprendem todos os conceitos epistemológicos que envolvem a pesquisa qualitativa, quantitativa, o que é conhecimento. Do segundo ano em diante, quando eles começam a desenvolver pesquisas, sim. Aí sim, eles desenvolvem pesquisas

interdisciplinares, porque o tema que eles escolhem, é livre. E 99%, me atrevo a dizer, dos temas escolhidos, são interdisciplinares.

Qual a diferença entre inter e transdisciplinar, que tu comentaste acima?

Na verdade a diferença entre o inter e o transdisciplinar, pra mim, é tão tênue que é difícil também diferenciar os dois. Eu faço a diferença da seguinte forma: interdisciplinar é quando tu consegue criar alguns pouco conhecimentos de alguma área e coloca-los dentro de outra, para solucionar determinado problema. Transdisciplinar é quando tu precisa fazer uma comunhão de diversas áreas diferentes para se resolver determinado problema, não dando mais importância a um ou outro.

- 4) Como a sua escola recebeu essa nova reestruturação? Foram feitos debates, reuniões e/ou assembleias para que fosse discutido o documento e sua implementação? Se sim, o que foi discutido? Chegaram a um acordo quanto (coordenação e professores)?

Teve muito bate-boca. Principalmente porque ninguém conseguia de verdade entender o que esse sistema era, o que esse sistema queria. Aos poucos, quando se foi entendendo o que era e o que se queria as discussões se tornaram menos exacerbadas, mas ainda existiam, porque a direção, cumprindo o seu papel, de trazer as coisas da SEDUC para cá, ouvia aqui que a comunidade docente estava em desacordo com o que estava sendo imposto. Então houve muito debates, os primeiros, como eu disse, foram muito calorosos, e no final, quando nos demos conta que não havia como fazer nada a respeito, nós aceitamos. Eu me senti como na época da ditadura, e olha que eu peguei o fim dela, quando os milicos já estavam mais light. Muito mais fácil lidar com eles do que lidar com essa secretaria de educação.

- 5) O que a escola faz atualmente para acompanhar a evolução dessa implementação? Reuniões? Debates? Trocas entre professores? Seminários? Cursos de formação continuada?

Específico para os professores de seminários não foi feito nada. Houve sim, formações continuadas, uma delas eu participei e abandonei na metade. Abandonei porque ela foi marcada, ao longo de dois meses, sempre na quinta-feira, dentro da faculdade IPA. Como era sempre na quinta, eu acabava prejudicando os meus alunos. Eu, naquele ano, tinha uma turma que eu só via na quinta-feira, então eu ia ficar 2 meses sem ver essa turma, e quando eu me dei conta disso eu abandonei essa formação continuada. As formações que eles ofereciam eram muito ambíguas. Num dado momento eles diziam que o caminho era para a direita e no seguinte que era para a esquerda. A gente, ouvindo os palestrantes, acabava se sentindo mais perdidos do que quando tinha entrado. Essas palestras tinham assuntos todos relacionados com a formação politécnica, não especificamente os seminários.

- 6) Como é trabalhado o componente curricular “Seminário Integrador” na escola? São feitos Projetos? Como? Qual o seu papel nessa questão?

No primeiro ano nós temos aquela formação teórica, então é única e exclusivamente projetos sobre pesquisa científica. No segundo ano, quando eles começam a desenvolver pesquisas mesmo, existe daí saídas de campo, passeios, existem palestras também. Já vieram aqui palestrantes falar no colégio sobre determinado assunto. E agora no terceiro ano eu estou recebendo o PIBID do IPA, que já é intitulado PIBID interdisciplinar, onde eu trabalho com graduandos da educação física, música e pedagogia, orientando os trabalhos de pesquisa. A divisão foi feita por afinidade, trabalhos da área humana foram levados mais para o pessoal da música e da pedagogia e os trabalhos da área das exatas e da natureza são levados mais para o pessoal da educação física. Mas a escolha foi por afinidade do tema escolhido pelos alunos. Continuamos então com a ideia de temática livre. O único momento em que a temática não é livre é no primeiro ano e na disciplina de seminário III, do segundo ano, onde os alunos aprendem a escrever relatórios científicos, ou seja, basicamente como escrever um TCC. É importante salientar que a SEDUC não nos ajudou em nada. Todo o planejamento e metodologia foram construídos aqui dentro. Os referenciais fomos nós que buscamos, com a ajuda da nossa bibliotecária, que é excelente, muitas vezes nós nem

sabemos com quem, nem como procurar, pedimos socorro à ela, e ela ia atrás e aparecia com material para a gente.

- 7) Você identifica resultados obtidos pela proposta nesses 3 anos desde seu início?
Quais?

Como eu já estou, pelo segundo ano consecutivo, com a disciplina de seminário eu posso te dizer, em primeiro lugar, que o PIBID de Matemática da UFRGS, no ano passado, que trabalhou com as turmas de segundo ano, sendo esse o nosso projeto piloto, apontou resultados tão bons que nós resolvemos ir mais naquele caminho e aprofundamos aquela ideia de fazer o seminário com pesquisa científica de temática livre. Percebemos que liberando o tema eles (alunos) conseguem ter mais empenho e mais vontade de construir a pesquisa. O grande problema é a imaturidade deles, as vezes eles escolhem temas que soam bem na mídia mas que não despertam nenhum interesse pessoal, então eles acabam abandonando as pesquisas na metade. Então como ponto negativo a gente ainda enfrenta essa questão de que, em torno de 30% dos alunos, abandonam as pesquisas. A gente acaba tendo de trocar o tema, ou o orientador tem que ficar injetando dados o tempo todo para eles não abandonarem.

Tu enxerga esses alunos agora, saindo melhor preparados do que antes?

Bem, vou dividi-los em duas características. Eles aprenderam, através desse sistema politécnico, que oferece inúmeras oportunidades de recuperação, que eles sempre podem deixar para o último momento, a última instância, a última oportunidade. E por conta disso acabam nunca se empenhando desde o começo. O que leva eles a uma apatia e um comodismo muito grandes. Então, o aprendizado real deles, em comparação aos anos anteriores, é menor. Especificamente para essa disciplina de Seminários Integrados e Projetos, eles saem com uma vantagem que as outras turmas não tiveram, quando a gente entra na faculdade, começam a nos pedir relatórios e pesquisas e ninguém sabe fazer isso, mas eles (alunos) já vão sair daqui com uma base muito boa de como fazer uma pesquisa, de como fazer uma fundamentação teórica, que é o maior temor deles.

Então eles levam isso como vantagem em relação às turmas anteriores. Ou seja, eles saem um pouco mais preparados para o mundo acadêmico.

- 8) Depois de transcorridos os primeiros anos dessa implementação, você é a favor de sua continuidade? Por quê?

Eu acho que ela deve se manter, mas com muitas mudanças. Ela tem pontos positivos. Mas ela tem uma quantidade de pontos negativos muito grandes, tem muita coisa que a gente precisa melhorar. Digo que tem muita coisa que a gente tem que voltar atrás. Por exemplo, a questão dos conceitos, a secretaria de educação impôs, CRA (construção restrita de aprendizagem), CPA (construção parcial de aprendizagem), dois conceitos que significam que o aluno não atingiu os objetivos, e um único conceito, o CSA (construção satisfatória de aprendizagem), que indica que ele atingiu o mínimo necessário, não o satisfatórios, mas o mínimo necessário. Então, se são apenas dois conceitos de verdade, vamos dizer a eles (alunos) que são somente esses dois. É apto e não apto. Ou então que façam por graduação, como por exemplo, a UFRGS, A, B ou C. Se é pra fazer uma graduação vamos fazer de verdade então. Do jeito que está fica confuso pro professor e pro aluno. A outra adaptação que eu acho que precisa ser melhorada é a questão da avaliação. O aluno recebe tantas oportunidades de recuperação que ele aprendeu que sempre pode deixar tudo pra última hora, que sempre vai ter outra oportunidade. A gente precisa achar um mecanismo de mostrar para o aluno que não dá pra deixar tudo pra última hora. Hoje mesmo fiz trabalhos de recuperação e escutei de uma aluna: “professor, eu achei que dava pra deixar pra última, deixei em química e consegui, deixei em biologia e consegui, e aí eu descobri que em física não dá pra deixar”. Quer dizer, eu achei um jeito de mostrar pra essa aluna que, em física, ela não pode deixar pra última que ela não vai conseguir. Mas ela acha que é isso funciona apenas pra física e não para as outras.

APÊNDICE G – Entrevista com o Professor C.

Nome: C	Data da Entrevista: 23/04/2014
Escola: Dolores Alcaráz Caldas	Função: Prof ^a . de biologia e seminário

- 1) Qual a sua formação acadêmica? Há quanto tempo leciona? E na escola Dolores Alcaráz Caldas?

Eu me formei em ciências biológicas, licenciatura e bacharelado, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Peguei umas duas reformas de currículo, e por conta disso tive de fazer uma adequação. Tenho pós graduação em gestão escolar, pela ESPM, e fiz também alguns curso rápidos de formação. Aqui na escola eu estou desde 2009, mas eu já leciono desde 2003 ou 2004. Eu comecei dando aula num curso técnico, no SENAC, cursos da área de imagem pessoal, profissionalizantes.

E aqui na escola? Para quais turmas tu lecionas?

Eu dou aula para o Ensino Médio e Fundamental. No fundamental do sexto ao nono ano e no médio, segundos e terceiros anos.

- 2) Sobre o documento disponível pela SEDUC/RS, sobre a reestruturação do Ensino Médio Politécnico, você poderia fazer um breve comentário sobre o documento?

Eu conheci o sistema na prática, não cheguei a ler a documento escrito em si. Eu fui conhecendo no dia-a-dia, com o trabalho dos seminários integrados, onde nós temos um grupo na escola que faz isso, que constrói esse novo sistema em conjunto. A cada reunião, que está inclusa dentro da nossa carga horária, a cada 15 dias mais ou menos, a gente faz uma reunião por área, onde discutimos o que nós podemos ou não fazer. Dentro dos seminários, a gente vê com os colegas o que pode-se fazer. Uma coisa que a gente utiliza muito, como base pra escrever o trabalho, são as normas da ABNT, que pelo que eu sei é o que mais se utiliza nas escolas para fazer qualquer trabalho, qualquer

relatório, e nós fazemos isso em forma de artigo, de um relatório mais elaborado. Enfim, eu conheci na prática.

- 3) A proposta apresentada pela SEDUC/RS (2011) tem como um dos principais objetos da Educação Básica, formar um cidadão apto ao mundo do trabalho. O que você entende por “apto ao mundo do trabalho”? Você enxergava o aluno recém-egresso do Ensino Médio (anterior à 2011), apto ao mundo do trabalho? E agora (2011 - 2014)?

Nós identificamos que o politécnico faz essa formação, mas depende muito do professor falar isso para o aluno, porque o politécnico em si não mostra as profissões. Consta que ele prepara o aluno para o mercado de trabalho, mas nós temos que fazer isso em conjunto com o sistema. Eu penso que o jovem agora, depois desse sistema, pelo que eu tenho observado nas salas de aula, está mais crítico, pelo fato de pesquisar mais, de ler mais. Claro que tem aqueles casos em que o aluno não faz isso, não quer fazer, que só quer saber de resumo, não quer saber de leitura ou de pesquisa. Eu acho que vai muito, também, do interesse do professor em trazer a motivação ao aluno. Se o professor compra a ideia de que o politécnico é um curso preparatório, vamos dizer assim, o aluno também compra a ideia. Na minha época, do segundo grau científico, era ppt (preparação para o trabalho), ou seja, já se falava nisso, só que não era politécnico, então, a ideia que se tem é que se tenha um leque de opções de profissões técnicas, mas na minha época não se tinha essa ideia de seminários integrados, era tudo atrelado nas disciplinas.

- 4) Como a sua escola recebeu essa nova reestruturação? Foram feitos debates, reuniões e/ou assembleias para que fosse discutido o documento e sua implementação? Se sim, o que foi discutido? Chegaram a um acordo quanto (coordenação e professores)?

Sim, tiveram reuniões sim. Nós nos organizamos de uma forma que dinamizasse o trabalho por áreas. E cada área tem as suas reuniões, cada área teve acesso ao sistema, que como eu disse antes, nós não lemos como isso iria funcionar, a escola tem um regimento, que de acordo com o que a SEC manda pra escola, nós elaboramos nosso

regimento de acordo com o que a SEC manda. Foi feito, e até hoje são feitas, reuniões para que possamos, cada vez mais, fazer da melhor forma essa construção.

- 5) O que a escola faz atualmente para acompanhar a evolução dessa implementação? Reuniões? Debates? Trocas entre professores? Seminários? Cursos de formação continuada?

Nós fazemos de 15 em 15 dias reuniões por área, ou seja, uma semana sim e uma semana não. Cada dia tem uma reunião de um grupo, por exemplo, terça feira é o dia da reunião dos professores da área da linguagem, outro dia, na quarta, temos a reunião do pessoal das ciências da natureza e matemática.

Mas vocês não falam somente dos seminários, falam?

Não. Os assuntos são diversificados, porém, se naquele determinado dia, está determinado que a gente vai rever o plano de trabalho, então a gente debate, todos juntos, e cada um faz o seu parecer, ou fazemos juntos o parecer da área, por objetivos, porque agora não é mais por nota e sim por conceitos, e esses conceitos são feitos pelos objetivos. E é isso que a gente faz, se o aluno atingiu determinado objetivo ele está apto a passar adiante.

- 6) Como é trabalhado o componente curricular “Seminário Integrador” na escola? São feitos Projetos? Como? Qual o seu papel nessa questão?

Bem, desde que eu comecei a trabalhar aqui, com o segundo e terceiro ano, eu procurei deixar bem claro para eles que quando a gente faz uma pesquisa, temos que saber o porquê de estarmos fazendo ela, e que temos que ter uma boa justificativa. Porque fazer uma pesquisa por fazer, sem um sentido, pra mim, não tem nexos. Eu sempre coloquei a identidade do trabalho deles com uma responsabilidade, ou ela (pesquisa) tem uma responsabilidade sociocultural ou ela tem uma responsabilidade socioambiental. Então,

conforme o tema a gente tenta identificar essas duas coisas. Eu sempre faço uma técnica, que eu aprendi no meu curso de gestão, onde a gente pega papel, caneta e faz um cartaz. E nesse cartaz tem que ter uma representação gráfica, pode ser um desenho ou um logotipo, dessa responsabilidade socioambiental e/ou sociocultural que eles têm de identificar no tema, além de fazer a relação com as disciplinas, o que o tema tem a ver com as diversas disciplinas, ou seja, a gente acha um ponto, dentro do tema, que possa relacionar com isso.

Isso tudo tu faz dentro da disciplina de seminários?

Sim. E cada professor, no seu período, trabalha dando segmento ao que foi feito.

Cada professor de seminário ou não necessariamente, ou seja, os professores, das outras disciplinas trabalham isso também?

A gente trabalha essas ideias. A gente troca ideias. O que temos de fazer agora é uma reunião de seminários que até agora nós tivemos só reuniões de área, e dentro da área é que a gente, as vezes, acaba discutindo coisas dos seminários. Mas há a necessidade de ter uma reunião específica de seminários, que é o que vai reger agora o novo pacto. Agora tem esse novo pacto que o professor recebe uma bolsa de R\$ 200 pra continuar a sua formação.

O trabalho dentro dos seminários que tu rege, é feito por projetos?

Sim. Trabalhamos com projetos. Na verdade a gente elabora o projeto, só que tem pesquisa. O projeto como o próprio nome já diz, é algo que deve ser projetado, adiante, no futuro, mas é como eu te disse, ele tem que ter uma responsabilidade, ou seja, pra que ele vai servir.

E em que tu te baseaste para montar esses teus projetos?

Os alunos que os idealizam. Nós até podemos colocar várias temáticas para eles, antes se falava muito no eixo-temático, ou seja, conforme aquele eixo ou alunos iam escolhendo seus assuntos. Agora a gente deixa mais livre. Por exemplo, pode ser até um projeto assim sobre o funk, como o funk pode ter uma responsabilidade sociocultural. Por exemplo, dentro da geografia, ver dentro de uma comunidade o que o funk pode fazer para melhorar a questão de uma comunidade carente.

Algum referencial em específico?

Como eu tenho experiência, por ter trabalhado com curso técnico, eu trago essa experiência para cá. É a base que eu uso. Até porque lá nós trabalhamos direto com projetos, o próprio TCC deles é a elaboração de um projeto.

- 7) O que você entende por interdisciplinaridade? Você acredita que durante os primeiros anos dessa nova implementação, houve interdisciplinaridade?

Sim, eu acredito que houve interdisciplinaridade. O meu entendimento sobre isso é que é o trabalho em conjunto, da construção que nós nos propomos a fazer. É relacionar o tema com as várias disciplinas. Por exemplo, se o tema for nutrição, o professor de matemática pode trabalhar graficamente mostrando o valor nutricional dos alimentos, o professor de física pode trabalhar com as quilocalorias, o professor de química pode trabalhar as proteínas e os lipídios, a questão química da coisa, da molécula. Eu acho que é aí que entra a interdisciplinaridade, quando há um conjunto, ou seja, não trabalhar apenas uma área, mas que todas as áreas trabalhem em conjunto.

E tu chegou a ver essa interdisciplinaridade dentro dos seminários?

Algumas vezes sim, outras não. As turmas eram divididas, conforme a carga horária do professor, pela supervisão, de forma que 3 a 4 professores tivessem seus períodos de seminários distribuídos na mesma turma, e o professor que tivesse mais períodos naquela turma era o tutor da turma, nos seminários, e esse tutor fazia o trabalho em conjunto com os outros professores, fazendo assim a interdisciplinaridade.

- 8) Você identifica resultados obtidos pela proposta nesses 3 anos desde seu início?
Quais?

Eu acho que houve um crescimento dos alunos, na parte intelectual. Eu acho que teve muito mais resultados positivos do que negativos. Houve certa resistência no início, porque toda a mudança traz resistência, mas acredito que com o passar do tempo, com a construção em conjunto desse trabalho, foi motivando os alunos. Mas lembrando aquilo que te falei, depende muito do professor. Porque se o professor acredita naquilo o aluno também vai.

- 9) Depois de transcorridos os primeiros anos dessa implementação, você é a favor de sua continuidade? Por quê?

Apesar das controversas, pela experiência que eu tive, eu gostaria que continuasse. Porque eu gosto de fazer, mas isso não depende só de mim, depende de todo um sistema. É uma questão de governo. Eu acredito na ideia, acredito que seja uma educação transformadora. Acredito também que ela é inovadora, e faz com que os jovens estudem de outra forma. Mas para que esse sistema se mantenha, é necessário que muito profissionais da área, colegas, tenham essa ideia em mente. É transformador, é algo que tem que estar se construindo dia-a-dia, não pode ficar parado, ou seja, tu tens que estar se atualizando sempre. Eu acho que essa ideia do PACTO, que dá ao professor um auxílio financeiro para uma formação continuada dentro dos seminários, vem pra motivar o profissional que quer continuar nessa ideia de seminários.